

**UMA PROPOSTA DE
SEQUÊNCIA DIDÁTICA
PARA PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA A
PARTIR DO ESTUDO DA
CULTURA E DA HISTÓRIA
LOCAL DE CAMPESTRE-
MG**

**MARIZAURA DE FÁTIMA PINTO
JOCYARE CRISTINA PEREIRA DE SOUZA
2021**

Fonte da imagem: <https://www.facebook.com/campestre.mg.brasil/>

**UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA A PARTIR DO
ESTUDO DA CULTURA E DA HISTÓRIA LOCAL DE
CAMPESTRE-MG**

**MARIZAURA DE FÁTIMA PINTO
JOCYARE CRISTINA PEREIRA DE SOUZA**



2021

CRÉDITOS

Autoria Marizaura de Fátima Pinto

E-mail: mary_muzambinho@yahoo.com.br

Coautoria e orientação Profa. Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza

E-mail: jocyare.cristina5@gmail.com

Arte da capa e Diagramação da autora

Dados institucionais (ficha catalográfica)

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR

Pinto, Marizaura de Fátima
P659u Uma proposta de sequência didática para professores da educação básica a partir do estudo da cultura e da história local de Campestre-MG / Marizaura de Fátima Pinto, Jocyare Cristiana Pereira de Souza. Três Corações, 2021.
55 f. : il. color.

Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR. Mestrado profissional em Gestão, Planejamento e Ensino.

1. Campestre (MG). 2. Educação básica. 3. História local. I. Souza, Jocyare Cristiana Pereira de. II. Universidade Vale do Rio Verde – Unincor. III. Título.

CDU:94(815.1):37.014

Ficha catalográfica elaborada por Vital Lins – CRB 6/3008

FICHA TÉCNICA DO PRODUTO

Este produto é fruto da pesquisa de mestrado intitulada O TRABALHO COM A CULTURA E A HISTÓRIA LOCAL NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA, desenvolvida no Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino, na linha de pesquisa Formação de Professores e Ação Docente da universidade Vale do Rio Verde – UninCor.

Nível de ensino Toda a Educação Básica

Área de conhecimento Língua portuguesa, atrelada a várias outras por ser uma metodologia multidisciplinar.

Público-alvo Professores da Educação Básica.

Categoria Didática na sala de aula

Finalidade Subsidiar o trabalho de professores, oportunizando a contextualização do ensino voltado para a cultura e história local dos estudantes utilizando como materialidade linguística textos que contam as histórias das cidades e produção de vídeos informativos sobre os estudos realizados.

Organização O produto apresenta uma breve contextualização e justificativa para sua proposição, seguido da sequência didática elaborada pela autora com exemplos e modelos que os

do professores podem vir a seguir.
Produto

Disponibilidade de Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido o uso comercial por terceiros.

Divulgação Divulgação Impressa/digital (Disponível em Repositório Institucional da UninCor:
<https://drive.google.com/file/d/10CmTUhsbU1vJwa4q8wwMsBwbxOQu93XU/view?usp=sharing>

Idioma Português

Três Corações – MG

RESUMO

Este produto técnico Tecnológico tem por objetivo subsidiar o trabalho de professores da Educação Básica no que concerne ao trabalho sobre a cultura e história local dos estudantes, por meio de uma sequência didática interdisciplinar que apresenta como materialidade para o trabalho inicial, textos que contam a história da cidade, culminando na produção final de um vídeo sobre as descobertas, favorecendo o potencial investigativo e criativo dos estudantes. A cartilha traz de forma sucinta o conceito de sequência didática e avaliação que embasaram a elaboração da proposta de sequência apresentada. Ademais, utiliza-se do estudo realizado em Campestre-MG como exemplo para o trabalho interdisciplinar que favorece o desenvolvimento de conteúdos sobre a história e cultura local dos estudantes e de competências e habilidades de leitura, oralidade e escrita.
Palavras-chave: Ensino. Cultura e História local. Sequência didática.

ABSTRACT

This Technological technical product aims to support the work of Basic Education teachers regarding the work on the local culture and history of students, through an interdisciplinary didactic sequence that presents as materiality for the initial work, texts that tell the story of the city, culminating in the final production of a video about the discoveries, favoring the

students' investigative and creative potential. The booklet briefly presents the concept of didactic sequence and evaluation that supported the preparation of the proposed sequence presented. Furthermore, the study carried out in Campestre-MG is used as an example for the interdisciplinary work that favors the development of content on the history and local culture of students and of skills and abilities in reading, speaking and writing.

Keywords: Teaching. Local culture and history. Following teaching.

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha traz uma proposta para desenvolvimento de conteúdos sobre a história e cultura local dos estudantes de forma interdisciplinar favorecendo ainda o

contato com tecnologias da informação e comunicação como vídeos.

Utilizando como base inicial textos que contam a história das cidades, para leitura e pesquisas, buscamos evidenciar a história, povos e culturas que constituem as identidades culturais daqueles que ali vivem. Acreditamos que o movimento de leitura, pesquisa e escrita que compõem as etapas da sequência garantirão que os estudantes tenham contato e exercitem competências e habilidades relacionadas a este, ampliando sua capacidade de uso da língua.

Assim, a proposta de sequência apresentada nesta cartilha propiciará que os estudantes realmente conheçam sua história, os povos e as culturas que estiveram presentes desde a época de formação de seus municípios, e que formam hoje a identidade cultural de sua comunidade.

Além disso, a metodologia utilizada considera os estudantes como protagonistas no processo de pesquisa, análise e discussão, envolvendo várias disciplinas, rompendo com o ensino fragmentado. A proposta de culminância com a produção de vídeos informativos vem ao encontro das atuais necessidades dos alunos contemporâneos, imersos em ambientes tecnológicos.

Esperamos que os professores possam fazer uso do material, adequando-o às necessidades de sua turma, para o trabalho sobre a história e a cultura das cidades de forma atrativa.

Marizaura de Fátima Pinto

SUMÁRIO

FICHA TÉCNICA DO PRODUTO	4
RESUMO	5
APRESENTAÇÃO	6
1. CONTEXTUALIZAÇÃO	8
2. JUSTIFICATIVA	11
3. O QUE FUNDAMENTA A PROPOSTA	12
3.1. A Sequência Didática	13
3.2. Avaliação na Sequência Didática	15
4. HISTÓRIA E CULTURA LOCAL: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	17
Objetivos	17
Módulo inicial: avaliação diagnóstica	18
Módulo 1 - pesquisas	20
Módulo 2 – ampliando a pesquisa	24
Módulo 3 – roteiro de vídeo	25
Módulo 4 – Gravação e edição	32
Produção final – socialização e autoavaliação	34
5. Considerações finais	34
REFERÊNCIAS	
Anexo I – Modelo de reportagem utilizado no diagnóstico inicial da sequência	
Anexo II – Ficha de Avaliação do Produto	

Anexo III – Ficha de Validação do Produto

Apêndice I – Modelo de roteiro de produção de vídeo

Apêndice II – Planilhas de autoavaliação

Apêndice III – Síntese da Sequência didática

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

O tema escolhido, história e cultura local por meio da história de formação das cidades, envolve a questão histórica delas, marcando seu tempo e espaço de ocupação além da cultura destes locais, o que o distingue como abordagem interdisciplinar, envolvendo disciplinas de História, Geografia, Artes, Língua Portuguesa, entre outras.

O trabalho com História, há muito tempo, tem sido marcado por fatos acontecimentos temporais sem contextualização com a realidade das crianças e adolescentes, reduzindo-se a memorização de datas e eventos. Esta visão acerca da disciplina minimiza seu potencial, além de fragmentar suas possibilidades, compreendendo o ato de estudar História como armazenamento de conhecimentos ou informações. Atualmente, essa concepção deixa de ser foco do processo ensino e aprendizagem.

Presentemente, a abordagem de História é vista como algo que transcende todas as outras disciplinas na medida em que se tenta compreender a história de todo e qualquer assunto partindo de uma linha temporal. Segundo Alfredo Boulos Júnior em seu livro *História, sociedade & cidadania*, “[...] aprender a pensar historicamente vai ajudá-lo (a) a se compreender melhor, a entender o seu

meio social e o mundo em que você vive” (BOULOS JÚNIOR, 2016, p. 3). A disciplina é vista hoje como “[...] um produto humano, característico das sociedades que refletem sobre sua existência a todo momento” (VASCONCELOS, 2017, p. V), logo, a proposição do estudo acerca da história local, contribui para com a compreensão de sua existência e não separa as questões culturais inseridas nestes contextos, pois fazem parte desta sociedade e espaço em questão.

História é vista neste estudo como um produto humano e seus processos históricos. Esses processos históricos são permeados por culturas diversas que, segundo Darcy Ribeiro, são a “[...] herança social de uma comunidade humana” (RIBEIRO, 1991, p. 127). Assim, a história sempre surge como uma retomada do passado, dos povos e culturas que o compunham e que ainda hoje são responsáveis pela compreensão que temos do presente, de quem somos.

O conceito de cultura já teve e tem ainda muitas interpretações distintas. Kuper (2002) explora as genealogias intelectuais das diferentes noções de cultura em sua obra *Cultura, a visão dos antropólogos*, onde percebemos que, para alguns, falar de cultura é o mesmo que falar de raças; para outros, é relacionada a algo biológico, que nasce com o indivíduo;

cultura já foi estritamente relacionada às artes; ou ainda, a algo adquirido com o tempo de acordo com as experiências políticas e sociais vivenciadas. Cultura já foi compreendida como algo elitizado, restrito a poucos afortunados; como uma forma de falar sobre identidades coletivas; ou “[...] representava a esfera dos valores supremos, sobre os quais acreditava-se que se apoiava a ordem social” (KUPER, 2002, p. 28). O fato é que, segundo este mesmo autor “todo o mundo está envolvido com cultura atualmente” (2002, p. 20).

O que se sabe é que a cultura não é comum para todos, ela apresenta diferenças e, por esta razão, Samuel Huntington (apud KUPER, 2002) afirma que as maiores fontes de conflito mundiais serão relacionadas às diferenças culturais, originando um choque de civilizações “[...] cada uma representando uma identidade cultural primordial”. Nesse entendimento, as principais diferenças sociais, econômicas e políticas das civilizações possuem alicerces nas diferenças culturais apresentadas por estas.

Esta posição sobre a existência de diferentes culturas considera também o status. Muitas pessoas acreditam que essas culturas podem ser comparadas e tendem a valorizar mais uma em detrimento de outras, no caso, sua própria. Assim, esses conflitos mundiais nada mais são que a luta

de culturas tidas como superiores e tradicionais contra aquelas da minoria, defendidas pelos multiculturalistas, a cultura dos marginalizados, dos colonizados e dos dissidentes (KUPER 2002, p. 22).

Tomamos neste estudo o posicionamento de cultura como sendo não comum para todos pois, “[...] o homem não é um só – afinal, o americano tem características muito diferentes do francês, e assim por diante” (KUPER, 2002, p. 25). Ainda, a cultura não é algo que nasce com o indivíduo. Embora ela distinga um ser humano de um animal, ela não é biológica, mas sim adquirida no decorrer de suas experiências e vivências. Corroboramos com a ideia de cultura híbrida de Adolf Bastian, em que as culturas, assim como a história, não têm um padrão estático. Além de distintas, as culturas sendo adquiridas no decorrer do tempo, devem ser consideradas provisórias, sujeitas a mudanças.

Não existem culturas puras, distintas e permanentes. Toda cultura recorre a diversas fontes, depende de empréstimos e está em constante mudança. Os seres humanos são bastante semelhantes, e toda cultura está enraizada numa mentalidade humana universal. As diferenças culturais eram causadas pelos desafios apresentados pelo ambiente

natural local e pelos contatos entre as populações. O empréstimo era o mecanismo primário da mudança cultural. E como as mudanças culturais eram resultado de processos locais imprevistos - pressões ambientais, migrações, comércio - consequentemente, a história não tem um padrão fixo de desenvolvimento (KUPER, 2002, p. 32).

Esta cultura em constante movimento está presente nos indivíduos e no grupo ou classe a que ele pertence, pois, a cultura do indivíduo depende da cultura de seu grupo e a de seu grupo também depende da cultura dos indivíduos que o compõem, pois, a cultura “[...] ‘inclui todas as atividades e interesses característicos de um povo’” (KUPER, 2002, p. 59). Ela é representada pelos comportamentos, costumes, crenças e padrões tanto explícitos quanto implícitos, adquiridos e transmitidos, tendo como cerne as ideias tradicionais e valores que as norteiam. (2002, p. 83). Nesse sentido, o trabalho aqui apresentado, busca resgatar a cultura presente desde a história de formação das cidades, culturas presentes em cada um dos grupos que passaram pelas cidades e as marcas que deixaram, como suas culturas foram assimiladas pelos descendentes deste espaço.

Assim é importante refletirmos sobre as identidades culturais, pois elas

tratam do controle dessa cultura que se forma e se transforma. O termo identidade normalmente vem atrelado ao individual. Entretanto, quando a relacionamos à cultura, é preciso considerarmos que “[...] identidade não é apenas um assunto pessoal. Ela precisa ser vivida no mundo, num diálogo com outros” (KUPER, 2002, p. 296) para que possa ser formada. Ou seja, a identidade individual de alguém só pode ser formada a partir de suas interações com o outro, na coletividade, na cultura dessa coletividade. Assim, a identidade é constituída por meio da participação do indivíduo na cultura e vice-versa.

Essa identidade cultura está intimamente ligada à noção de respeito, na medida em que um indivíduo só pode ser livre para exercer sua identidade cultural num lugar onde seus valores serão respeitados. Por isso, “numa sociedade multicultural as diferenças culturais devem ser respeitadas, e até mesmo estimuladas. A sobrevivência cultural representa o resultado dessa política” (KUPER, 2002, p. 297).

Isto posto, o trabalho com as várias culturas nas escolas de Educação Básica possibilitará que os estudantes tenham contato com elas, conheçam e compreendam o papel delas na constituição de suas identidades culturais atuais. Todos

os grupos, povos e comunidades que contribuíram com a formação de sua cidade, trouxeram culturas que deixaram heranças, que foram assimiladas e transformaram as culturas existentes. Tendo este conhecimento, o respeito à diversidade cultural e às múltiplas identidades culturais será facilitado, pois, para respeitar é preciso inicialmente conhecer.

2. JUSTIFICATIVA

Ao oportunizar aos estudantes da Educação Básica que conheçam e reflitam sobre a história de sua cidade, como começou sua formação, quem foram os agentes que deram início ao local que hoje conhecem e qual cultura trouxeram consigo e que ainda hoje faz parte do dia a dia dos personagens que ali residem, em verdade, estaremos dando suporte para que as crianças e adolescentes tornem-se cidadãos críticos, autônomos, comprometidos com o processo histórico através da identidade, memória, patrimônio cultural, representação e cidadania, contribuindo para que sejam capazes de atuar nesta sociedade e modificá-la.

Para que os estudantes possam exercer a cidadania neste sentido mais amplo defendido, devem, primeiramente,

conhecer sua própria identidade cultural, sendo o estudo sobre a história de sua cidade um caminho para tanto. Assim, este estudo, além da possibilidade de formação do sujeito integral, quando abordado na perspectiva da interdisciplinaridade apresenta-se contextualizado, possibilitando aos estudantes estabelecer relações dos conteúdos com a vida.

Em se tratando de crianças e adolescentes contemporâneos, além da necessidade de exprimir o sentido de se abordar os conteúdos, é preciso refletir sobre as estratégias utilizadas, a fim de atingi-los e tornar o ensino mais lúdico e interessante, acompanhando o processo evolutivo e as necessidades destes alunos do século XXI.

Desta forma, considerando este público atual como nativos digitais, salvo os questionamentos sobre a falsa homogeneidade desta afirmação trazida por Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), o uso de tecnologias digitais de pesquisa e produção de conteúdo nesta abordagem, corroborará com a cultura digital tão valorizada atualmente e tornará desenvolvimento dos conteúdos de história e cultura local algo mais dinâmico.

Deste modo, o presente trabalho, além de oportunizar o que já supracitado, contribui para o desenvolvimento de estratégias interdisciplinares e inovadoras,

tornando o ato de aprender algo mais prazeroso e significativo, podendo ser abordado através de ferramentas tecnológicas presentes do dia a dia de crianças e adolescentes.

Este estudo sobre a história das cidades e a relação cultural que representam é preconizado por documentos que normatizam o Ensino no Brasil, como sendo ferramenta para um ensino significativo e contextualizado com a realidade dos estudantes. A exemplo disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017, documento normativo mais recente, aborda a inserção desta cultura e história local em todo seu texto, justificando a necessidade da presença dele nos currículos de escolas em todo o território nacional como poderá ser averiguado na análise a seguir.

3. O QUE FUNDAMENTA A PROPOSTA

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017 traz em seu capítulo introdutório as Dez Competências Gerais que devem ser a base para o trabalho a ser desenvolvido com as crianças e adolescentes inseridos na educação básica. Dentre elas, encontram-se fortes indicadores da necessidade de um

ensino pautado em questões regionais e locais, valorizando o conhecimento da comunidade, sua cultura histórica, tempo e espaço, além de estratégias pautadas na formação para educação tecnológica.

A exemplo disso, a terceira Competência, relacionada ao Repertório Cultural, que engloba tanto o repertório cultural, quanto a identidade e diversidade cultural regionalizados aborda claramente tanto a valorização da cultura local quanto a mundial por meio da fruição, da vivência e valorização de sua própria identidade, contextos sociais, culturais, históricos e ambientais, desenvolvendo sentimento de pertencimento desenvolvendo o respeito às diferenças e os benefícios de se viver e trabalhar em meio às mesmas: “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.” (BRASIL, 2017, p. 9).

A sétima Competência trata da argumentação e consciência global:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos

outros e do planeta. (BRASIL, 2017, p. 9)

Esta Competência, além de oportunizar às crianças o desenvolvimento da retórica, ou seja, a arte de falar bem, de bem argumentar, de saberem se posicionar com base em fatos e evidências e defender seu ponto de vista, coloca cada um no estado de consciência socioambiental, ciente de sua origem e de sua localidade, reconhecendo suas potencialidades e as fragilidades. A sequência didática proposta, oportunizará o desenvolvimento da argumentação nestes dois sentidos possíveis de serem empregados.

A quinta Competência, denominada Cultura digital traz o conceito de “compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética” (BRASIL, 2017, p. 9), sugerindo que o trabalho com estas tecnologias possa auxiliar as crianças e adolescentes a perceber os conteúdos de forma mais interessante, agindo sobre eles de forma ética e crítica na medida em que são levados a refletir sobre estas questões no mundo tecnológico atual, como nas mídias por exemplo, onde nem todas as informações veiculadas são verdadeiras ou de fontes fidedignas e, comparar e refletir sobre isto é também papel da escola oportunizar.

As Competências citadas prezam por uma educação que valorize o local, a regionalização do ensino e estratégias atuais e tecnológicas que possam “preparar nossos alunos para a vida social, o emprego e a cidadania em um mundo digitalmente conectado fora da sala” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, P. 20). A relação com o tema escolhido, mais uma vez se faz presente, pois, como valorizar o local, contextualizar o ensino sem ao menos ter consciência de sua origem, da história e do tempo da nomeação e fundação de suas cidades? Evidenciando a necessidade de contextualização dos currículos e a inclusão de temas e estratégias como o aqui proposto.

3.1. Sequência Didática

As sequências didáticas podem ser compreendidas como um conjunto de atividades com um encadeamento entre si de modo que garantam o desenvolvimento de determinado aspecto, com um objetivo geral central a ser atingido ao final de sua execução. Para isso, são norteadas por objetivos claros e relacionados com os aspectos que deseja que sejam desenvolvidos pelos alunos e os meios planejados pelo professor para atingi-los. Estas atividades devem ser organizadas de

modo a garantir que todos os envolvidos tenham condições de avançar nos conteúdos tratados. Por isso é importante que sejam organizados considerando os conhecimentos prévios dos estudantes, de modo que as estratégias, em cada uma das etapas, possibilitem que estes conhecimentos prévios deem lugar a conhecimentos mais elaborados, num crescente de dificuldade, graduando as habilidades necessárias para a execução e participação. Nesse sentido, Araújo (2013) em seu artigo O que é (e como se faz) sequência didática afirma que cada sequência deve conter:

[...] uma seção de abertura, com a apresentação da situação de estudo na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de exposição oral ou escrita que os alunos deverão realizar. De acordo com esses autores, deve haver uma produção inicial ou diagnóstica, a partir da qual o professor avalia as capacidades já adquiridas e ajusta as atividades e os exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma. Após esta etapa, o trabalho se concentra nos módulos (também chamados de oficinas por outros autores que seguem esses mesmos princípios) constituídos de várias atividades ou exercícios sistemáticos e progressivos que permitem aos alunos apreenderem as características temáticas, estilísticas e composicionais do gênero alvo do estudo. O número dos módulos varia de acordo com o gênero e com o conhecimento prévio que os alunos já têm sobre o mesmo. A produção final, segundo os autores, é o momento de os alunos porém em prática os conhecimentos adquiridos e de o professor avaliar os progressos efetivados, servindo esse momento,

também, para uma avaliação do tipo somativo. (ARAÚJO, 2013, p. 2)

Assim, a proposta inicial de uma sequência didática deve ser capaz de levantar os conhecimentos que os alunos têm em relação aos assuntos que serão abordados ao longo desta, para que os objetivos pretendidos sejam alcançados com cada um dos estudantes, vistos em sua individualidade e pluralidade.

Outros autores, como Dolz (2004), tratam da sequência didática numa perspectiva investigativa e sistemática, organizada em torno de um gênero textual específico, defendendo que sua estrutura de construção contemple:

a) apresentação da situação, definição e formulação da tarefa; b) produção inicial, estabelece o primeiro contato entre o aluno e o gênero textual proposto; c) módulos de atividade, atividades preparadas pelo professor de observação e análise; d) produção final, destinado à prática de elaboração textual. (DOLZ, 2014 apud GIORDAN, GUIMARÃES, MASSI, 2011, p. 5)

Assim, de acordo com o apresentado, a organização da sequência didática que compreende o produto técnico tecnológico desta pesquisa será norteadas por um gênero textual específico, narrativas que contem a história das cidades e módulos que possibilitem aos estudantes além de conhecer sua história, agirem como investigadores, trazendo

outras histórias por vezes não contadas, produzindo ao final, um texto escrito que pode ser organizado para apresentações em formato de seminário, ou organizado como um vídeo informativo.

3.2. Avaliação na Sequência didática

A avaliação compõe todo e qualquer tipo de trabalho a ser realizado em ambientes escolares e há muitos anos vem sendo instrumento de pesquisa de muitos estudiosos. A avaliação pode ser vista como um instrumento de punição e classificação ou como um instrumento que favoreça o desenvolvimento das competências e habilidades dos estudantes. Neste estudo, preocupamo-nos com este último tipo de avaliação, a formativa.

Os critérios de avaliação não são estabelecidos de modo dissociado das posições, crenças, visões de mundo e práticas sociais de quem os concebe, mas emergem da perspectiva filosófica, social e política de quem faz o julgamento e que dela são expressão. Os critérios e enfoques assumidos em um processo avaliativo revelam as opções axiológicas dos que dele participam. Tais finalidades da avaliação partem do compromisso com o sucesso escolar como condição e direito de todos rompendo com a concepção de avaliação

classificatória e seletiva. Segundo Luckesi (2000), a ação de avaliar, por sua constituição mesma, não se destina a um julgamento final sobre alguma coisa, pessoa ou situação porque não é um ato seletivo. A avaliação é destinada ao diagnóstico e, por essa razão, à inclusão. Se queremos mudar a avaliação que é executada numa instituição pelos professores que fazem parte dela, precisamos primeiramente transformar a concepção e crenças que estes têm sobre educação, sobre como os alunos aprendem, pois a avaliação está diretamente ligada ao pensamento de quem a produz, à filosofia que possuem e como enxergam o processo de ensino-aprendizagem.

É necessário ressignificar o processo avaliativo classificatório, evidenciando novas respostas ao “para que” e o “por quem” as informações serão produzidas e utilizadas, rompendo então, com uma prática burocrática. O desafio é buscar a superação de uma concepção de avaliação que se traduz na classificação dos alunos e no controle de seus comportamentos, por meio de relações predominantemente punitivas, que se confunde com “provas” e atribuição de notas ou conceitos pelo professor, em direção a uma avaliação que tem como finalidade contribuir para o processo de apropriação e construção de

conhecimentos pelos alunos, em que se reconhecem, como sujeitos, todos integrantes da organização escolar, constituindo-se em um processo abrangente e contínuo, que integra o planejamento escolar em uma dimensão educativa.

Segundo Souza (1997), a avaliação não pode ser compreendida como um fim do processo educacional e sim como um meio para que ele aconteça. Vista como ferramenta para auxiliar os alunos, diagnosticar onde se encontram, o que já sabem e o que precisa ser “reforçado”. Avaliar e não fazer nada com os indicadores que conseguir com ela, é o mesmo que simplesmente classificar, nada colaborando para a aprendizagem. Para ser democrática deve atender às necessidades de todos os envolvidos e deve ser formatada e elaborada (aplicada) com a participação de todos. Não basta o professor avaliar, o aluno deve participar deste processo de avaliação (por meio da autoavaliação, por exemplo), a família deve participar, seja por depoimentos, seja por sugestões, seja por reuniões em três vias, discutindo e analisando junto com a escola e os alunos os processos vividos por todos. Assim, a avaliação necessita apresentar caráter estimulador ao desenvolvimento do aluno. O professor, deixa de ser o transmissor de

conhecimentos e se transforma em um provocador do processo de construção de conhecimentos, alguém que propicie ao aluno a análise de sua própria produção, a partir da crença em sua possibilidade de aprender.

Desta forma, a avaliação de um estudo que envolva o trabalho com a história e cultura local deve ser norteada por um processo avaliativo que envolva os estudantes e contribua para com o desenvolvimento dos objetivos pretendidos. Será processual, acontecendo em cada uma das etapas por meio da observação do professor acerca das interações dos estudantes com o objeto de conhecimento; culminando na autoavaliação ao final de toda a sequência e apresentação dos resultados aos demais colegas e familiares.

4. UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA A PARTIR DO ESTUDO DA CULTURA E DA HISTÓRIA LOCAL DE CAMPESTRE-MG

Esta sequência encontra-se sintetizada no apêndice III desta cartilha.

Objetivos:

A presente proposta de sequência tem como um norte um objetivo geral relacionado ao conteúdo disciplinar que deseja desenvolver com seus alunos e objetivos específicos, relacionados às habilidades e conhecimentos que serão abordadas ao longo do trabalho:

- a) **Objetivo Geral:** Adquirir conhecimento sobre a história da cidade em que reside considerando o local e tempo de sua formação, artefatos culturais materiais e imateriais, relação com o nome dado ao município e mudanças que possam ter ocorrido nesta nomeação, possibilitando o sentimento de pertencimento ao local.
- b) **Objetivos Específicos:** Realizar pesquisa em meios tecnológicos ou não sobre textos que contam a

história das cidades; Compilar informações sobre a história e cultura da cidade registradas em diferentes fontes; Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar informações relevantes sobre a história de sua cidade; Identificar elementos relacionados à história da cidade (patrimônios históricos e culturais, sociais e políticas) para organização do acervo de sua pesquisa; Identificar os registros de memória da cidade, discutindo os critérios que explicam a escolha de seu nome; Produzir roteiro de vídeo escrito com as informações sobre a cidade e considerando o gênero comunicativo de vídeos de youtubers (ou outro gênero como informativo, por exemplo) e roteiro sugestionado; Produzir a gravação de vídeo no estilo dos influencer digitais considerando o poder de argumentação com o objetivo de adquirir maior número de seguidores, relatando os aspectos da pesquisa realizada (se este for o gênero escolhido pelos professores); Editar vídeos para apresentação; Socializar as produções com foco em auto

avaliação e ampliação do repertório e conhecimentos.

Módulo inicial: avaliação diagnóstica

O módulo inicial da sequência trata da avaliação diagnóstica, pois, antes de iniciar o desenvolvimento deste trabalho, é preciso levantar o conhecimento prévio dos alunos com relação ao conteúdo e aos recursos tecnológicos que farão uso. Além destes conhecimentos próprios dos alunos, caberá ao professor realizar estudo socioeconômico sobre a turma, levantando-se, a partir de questionários destinados às famílias, informações sobre renda, sobre recursos tecnológicos que possuem em casa, se têm internet ou não, como se dá o uso, entre outros.

Este questionário socioeconômico deve ser realizado com todas as famílias no início do ano letivo, pois, oferece informações relevantes para os planejamentos do professor, para as atividades que podem ser executadas em casa e para o conhecimento da realidade e do contexto social e econômico de sua turma. Segundo Paulo Freire, impossível a escola ficar alheia às condições do contexto em que os alunos estão inseridos, “[...] não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos educadores, alhear-se das

condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos” (FREIRE, 1996, p. 26).

O levantamento de conhecimentos acerca do tema tratado e dos recursos tecnológicos utilizados poderá acontecer em uma roda de conversa para discutir, por exemplo, o texto do Colégio Santa Maria, em São Paulo, escrito pelas professoras Fabíola Iszlaji de Albuquerque e Adriana Pistori, *Minha cidade tem história*, disponível no endereço eletrônico: <https://colsantamaria.com.br/trabalho-historia-da-arte-minha-cidade-tem-historia/> e os dois vídeos produzidos pelos estudantes disponíveis neste mesmo endereço eletrônico ou diretamente no *youtube* pelos links: <https://www.youtube.com/watch?v=oyZzy3FGlc0> e <https://www.youtube.com/watch?v=0LWjwNXP9xY>. Esta estratégia toma como base a escolha do gênero midiático de vídeos informativos. Caso o professor eleja outro gênero para os vídeos produzidos, o encaminhamento deverá fazer uso de textos e vídeos que tratam do gênero eleito para o trabalho. O importante é levantar o que os estudantes sabem sobre o gênero escolhido e sobre o tema que norteará a pesquisa para sua elaboração.

Assim, o professor, fará a leitura dialogada da matéria e conversará com as

crianças sobre o tema, o que seria esta história da cidade que os estudantes contam nos vídeos, se eles conhecem a história de suas cidades. Se sim, ouvir o que já sabem sobre ela, onde poderiam encontrar informações sobre essa história, se conhecem o canal *YouTube*, se já assistiram a algum vídeo que traz também histórias sobre cidades. Depois, passando os vídeos citados no texto, devem conversar sobre os conhecimentos que os alunos tiveram que adquirir para conseguir gravar os vídeos, quais informações eles trouxeram, quais recursos utilizaram, como é a fala, como são os gestos, se algum aluno já gravou vídeos, como é gravar e quais equipamentos usar, se já editaram vídeos ou viram alguém editando etc. Esta roda de conversa dará um norte para o professor, que saberá o nível de contato das crianças com os vídeos, o contato com ferramentas tecnológicas de gravação e edição, o que sabem sobre a cidade deles próprios e onde poderiam buscar informações, além de motivá-los a fazer o mesmo que os alunos, gravar vídeos sobre a história de suas cidades, sem publicar, explicando as leis que protegem de exposição as crianças e adolescentes, mas que possa ser utilizado dentro do espaço escolar por eles e outras crianças de outras salas de aula.

De acordo com o nível tecnológico das crianças e suas famílias diagnosticado no levantamento socioeconômico e com o nível de acesso à meios tecnológicos da escola, a sequência será organizada de modo que possa atender, segundo o livro *Letramentos Digitais*:

Versão alta tecnologia (A): Indicada para uma sala de aula onde o professor disponha de um computador ligado à internet conectado a um projetor e onde os estudantes tenham acesso a computadores ligados à internet suficientes ou a dispositivos móveis que lhes permitam trabalhar em pequenos grupos, duplas ou até individualmente. Versão baixa tecnologia (B): indicada para uma sala de aula onde o professor disponha de um computador ligado à internet conectado a um projetor, sem que os estudantes tenham acesso a computadores ligados à internet ou a dispositivos móveis. Versão zero tecnologia (0): indicada para uma sala de aula onde não haja computador ligado à internet disponível, embora algumas dessas atividades requeiram que o professor tenha acesso a um computador ligado à internet fora da classe para imprimir os materiais a serem usados em sala de aula. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 69).

Seguindo esta organização proposta pelos autores acima, o desenvolvimento das etapas seguintes, denominadas módulos segundo Araújo (2013) apresentará as necessidades para sua execução, seja em ambientes de alta, baixa ou zero tecnologia. A pretensão é que a sequência possa ser executada em qualquer

uma das três situações, contribuindo para a inclusão de todas as crianças do vasto território brasileiro.

Módulo 1 – pesquisas

Para atingir ao objetivo proposto pelo tema, as crianças deverão realizar pesquisas sobre a história de suas cidades. O objetivo desta etapa é realizar pesquisa para selecionar textos que contem a história da cidade. Para isso, será sugerida a pesquisa em meios digitais, porém, corroborando com a afirmação de Umberto Eco de que “livros continuarão indispensáveis não só para a literatura, mas em qualquer circunstância onde se precisa ler cuidadosamente, não apenas receber informação, mas também especular e refletir. Ler uma tela não é o mesmo que ler um livro” (1996, p. 4), as crianças poderão fazer uso de livros de pesquisadores locais sobre o tema, documentos que possam estar armazenados na sede do patrimônio cultural da Prefeitura, entre outros meios, desde que consigam levantar as informações sobre a formação de sua cidade, quando ocorreu, quem foram os responsáveis, como iniciou-se o processo de sua formação, contemplando assim, conseqüentemente, informações acerca da cultura presente naquele momento através de relatos e

imagens. Elas deverão ser orientadas a buscar textos oficiais que tratam da história de suas cidades, para buscar nestes textos e em sua leitura indícios que possibilitem uma ampliação das pesquisas, trazendo outras histórias que ali não foram contadas.

Este tipo de busca envolverá o letramento em pesquisa e o letramento em informação. O primeiro, diz respeito à capacidade de fazer uso de estratégias apropriadas de busca para localizar o que deseja, sua “funcionalidade plena, bem como suas limitações” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 38). Este letramento está relacionado ao meio tecnológico, entretanto, em se tratando de pesquisas, mesmo que sejam pesquisas em materiais impressos ou em organizações como uma Prefeitura, as crianças precisam saber se organizar para elaborar as perguntas que as encaminharão para as respostas desejadas, ou seja, ao realizar pesquisas em um livro, saber o que procurar é fundamental, do mesmo modo que, a busca por documentos em instituições deve ser orientada pelas palavras-chave mais apropriadas. Desta forma, o letramento em pesquisa, muito além de estratégias e recursos digitais para qualificar a pesquisa em ambientes virtuais, como uso de operadores booleanos “AND” – usado para localizar informações sobre dois temas distintos-,

“OR” – usado entre sinônimos de componentes de busca, recuperando informações de um ou outro tema - ou “NOT” – utilizado para excluir um determinado assunto da busca - , pressupõe a melhor utilização de palavras, de sinônimos que representem o objeto a ser pesquisado, o que pode ser levado para outros ambientes, não apenas virtuais.

Além disso, o professor poderá intermediar as pesquisas, orientando as crianças a perceberem que, no caso da internet, os mecanismos de busca possuem limitações e inclinações para “o comercial, o popular, o recente e, cada vez mais, para o pessoalmente relevante” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 37) podendo não atender às necessidades da busca desejada.

O letramento em informação que será também possibilitado nesta etapa, significa, segundo os autores Dudeney, Hockly e Pegrum, a “habilidade de avaliar documentos e artefatos fazendo perguntas críticas, avaliando a credibilidade, comparando fontes e rastreando as origens da informação” (2016, p. 40). Ao adentrar nas pesquisas, as crianças deverão refletir sobre as informações coletadas, com a mediação do professor analisar quais sites, no caso de pesquisas on-line, são confiáveis e porque o são, e quais não são e como fazer para identificar estas

questões. É importante fazer com que elas percebam a importância de recorrerem a fontes oficiais, pois, elas podem, por exemplo, utilizar informações da Wikipédia, um site com informações no estilo de enciclopédia alimentado pelos próprios usuários. Atualmente, segundo os autores Gile (2005) apud Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), pelo número de usuários, expressões muito buscadas dificilmente contém erros e podem até ser confiáveis, mas as crianças precisam refletir que, senso alimentado pelos usuários, podemos encontrar fraudes, e como nos precaver? Esta é uma questão que será abordada em aula e, para tanto, após a coleta das informações, as crianças deverão socializar, em grupo, os instrumentos que utilizaram para a pesquisa e quais as fontes, realizando assim uma roda de conversa direcionada sobre o tema, com exposição dialogada resultando ou não em novas pesquisas caso seja necessária a comprovação das informações. Caso as crianças tenham utilizado meios impressos, os mesmos deverão ser socializados com a explicação sobre onde e como conseguiram o material, colaborando assim para a ampliação das estratégias de busca possíveis e mais uma vez desenvolvendo o letramento em informação, pois as fontes escritas podem também ser inconfiáveis e é preciso refletir sobre quais dados oferecem

a credibilidade da fonte. Percebam que ao longo do desenvolvimento desta etapa a avaliação processual está presente. Caberá ao professor observar os resultados apresentados pelos estudantes, orientando-os e fazendo-os refletir em tempo real, sem a necessidade de aguardar a finalização de todo o trabalho para esta averiguação, de modo que esta ação contribua para seu desenvolvimento.

Num ambiente de alta tecnologia (A), as crianças poderão fazer as pesquisas cada uma em um computador na sala de informática, sendo mediados pelo professor, ou em casa, como tarefa. Caso os alunos não tenham este recurso ou a escola não disponha de sala de informática, num ambiente de baixa tecnologia (B), as pesquisas poderão acontecer na biblioteca da escola no turno ou no contraturno. As crianças poderão se unir e fazer a pesquisa com colegas que tenham o acesso, em grupo, ou o professor poderá disponibilizar um computador apenas para a pesquisa, organizando o ambiente da sala de aula baseado nas metodologias de modelo de rotação do ensino híbrido, rotação por estações, defendido por Bacich, Neto e Trevisani (2015), onde na sala de aula o professor cria ambientes separados em que os alunos desempenham papéis distintos de acordo com estes ambientes denominados estações. As estações são organizadas pelo

professor, com propostas e metodologias distintas em cada uma podendo ter o mesmo tema, no caso a pesquisa, ou não. Entretanto, obrigatoriamente, uma delas deve ter um recurso tecnológico para atividade *on-line*. As crianças percorrem todas as propostas de acordo com o tempo estipulado pelo professor.

Esta proposta, pode acontecer em ambientes zero tecnologia (0), porém, neste caso, as crianças não terão a possibilidade de exercer a habilidade de pesquisa na internet, logo, o trabalho com a análise de sites confiáveis deixará de existir, bem como a habilidade de escolher as melhores palavras para se localizar o que buscam. Nestes casos, a sugestão é que, o professor leve para a sala de aula impressos de sites distintos, de materiais e livros e deixe à disposição para que pesquisem. Ao final, poderá intervir, numa roda de conversas, sobre quais informes disponibilizados podem ser considerados mais críveis e por quê. O trabalho com as palavras a serem utilizadas pode acontecer de maneira informal, por meio de conversas e mediações do professor, mas as crianças não visualizarão os problemas ou facilidades que estas escolhas podem acarretar.

EXEMPLO:

A pesquisadora Marizaura aplicou esta sequência analisando a história de uma cidade do sul de Minas Gerais, Campestre. Esta cidade não apresentava no site oficial textos que contassem sua história. Então, foi utilizado o hino da cidade disponível no site e a história divulgada no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segue o Hino que serviu de base para as pesquisas:

Hino da Cidade

No verde cenário da mata,
Ao longo de formosa colina,
Com seu casario de prata,
Campestre se descortina.
Estrilho - Campestre, cidade
querida,
Orgulho de Minas Gerais,
Doce esperança florida,
Herança dos ancestrais.
Boiadeiros de Congonhal,
Francisco e Manuel José Muniz,
Pioneiros do Arraial,
Origem desta cidade feliz.
A princípio, Monte Carmelo,

Depois, Carmo de Campestre,
Do campo, o verde mais belo,
Da flor, o aroma silvestre.
Campestre, cidade querida,
Orgulho de Minas Gerais,
Doce esperança florida,
Herança dos ancestrais.
O clima, a natureza,
Do solo, o vigor, a extensão,
Dos filhos, o brio, a nobreza:
Riquezas desta região.
Vida calma, vida sadia,
Pelo esforço e trabalho, o sucesso,
Pela paz e união, a harmonia:
Campestre a caminho do progresso.
Campestre, cidade querida,
Orgulho de Minas Gerais,
Doce esperança florida,
Herança dos ancestrais.

Letra de: Maria José 'de Pádua

Música de: Messias Pereira do Lago

Por meio da leitura do Hino, a pesquisadora levantou questões importantes sobre a história da cidade, como: os nomes que teve, a importância do campo, referências europeias dadas pelas palavras casario entre outras.

Módulo 2 – ampliando a pesquisa:

Os objetivos desta etapa são: sintetizar informações sobre a cultura e história local sugeridas nos textos que contam as histórias das cidades; pesquisar outras fontes capazes de complementar as informações sobre a cultura e história local da cidade. Após a leitura e socialização das pesquisas, o professor, numa roda de conversas, levantará a questão: Que povos e culturas estão presentes nestes textos lidos? Quais palavras ou expressões remetem a povos e culturas que estiveram presentes desde o início de formação da cidade? Coletivamente, o professor pode construir com seus alunos mapas mentais, trazendo palavras e expressões e relacionando-as à povos e suas tradições. É fundamental reler o texto e ouvir cada um dos estudantes sobre palavras que acreditam lembrar algum povo ou cultura para juntos irem construindo esta rede de sentidos sobre o assunto.

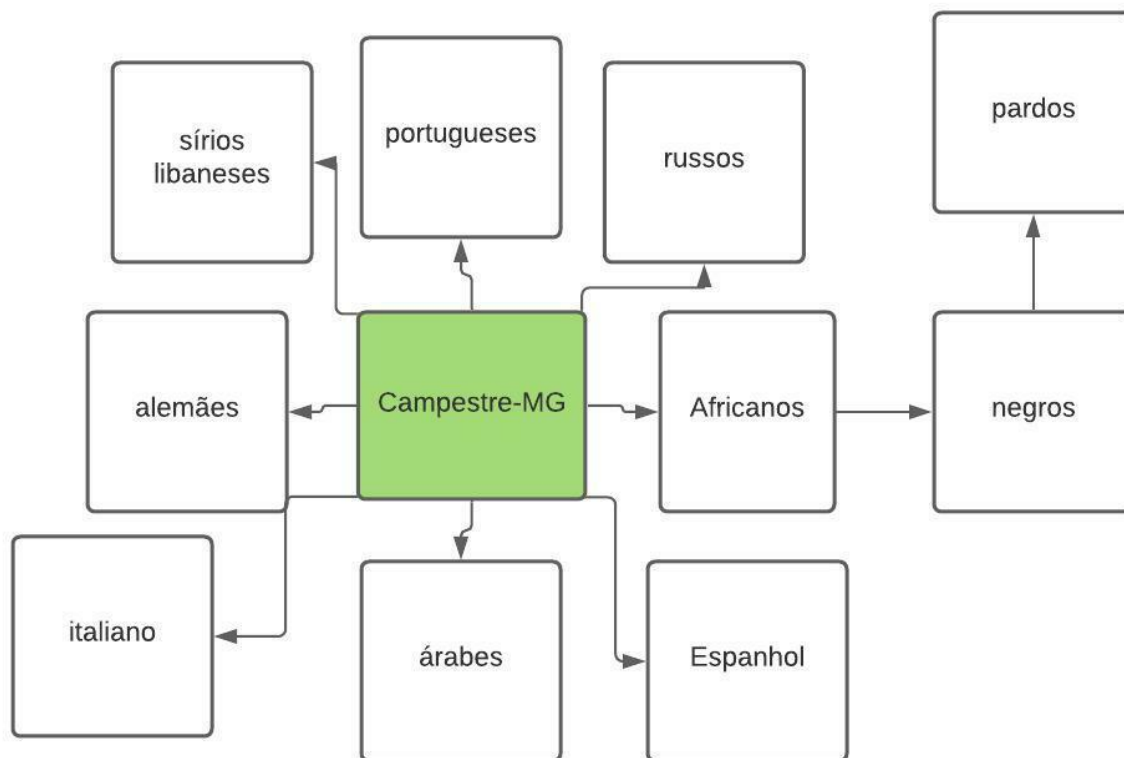
Com o mapa mental construído, os alunos são convidados a buscar outros textos que contem a história da cidade e podem complementar estes sentidos sobre povos e culturas que estiveram presentes. Além de outros textos escritos, os

estudantes são convidados a buscar em elementos culturais da cidade informações que comprovem o que os textos trouxeram de informações, seja na arquitetura da cidade, lugares, monumentos, museus, historiadores etc. Esta busca terá como norte o mapa mental elaborado e poderá ser registrada com fotos, filmagens e ou registros escritos, pois, cada uma das informações novas coletadas, poderá fazer parte da produção da etapa seguinte, elaboração do vídeo que conte as histórias descobertas.

Como na etapa anterior, a avaliação ocorre durante todo o processo, orientando os alunos nas buscas e em como realizá-las. Ao final, cada grupo deverá apresentar suas pesquisas complementares aos demais colegas, expondo aquilo que conseguiram desvendar sobre os povos e culturas que compõem suas cidades.

EXEMPLO:

A pesquisadora realizou nesta etapa uma pesquisa de campo com visita à cidade de Campestre-MG, realizando entrevistas com a secretaria de cultura da cidade, levantando outros povos e culturas que fizeram parte da constituição da cidade.



Módulo 3 – roteiro de vídeo

Os objetivos desta etapa são: organizar as informações sobre a cultura e história da cidade; e produzir um roteiro de vídeo com as informações coletadas. Após o levantamento dos dados e revisão do professor, os alunos deverão se organizar para elaborar o roteiro do vídeo. Esta etapa fará com que eles se apropriem das informações coletadas para que possam pensar em como transmiti-las através de recursos multimídias. Os estudantes deverão mobilizar uma série de competências, como a de ler e interpretar informações, elaborar textos com o

objetivo de roteiro a ser seguido, organizar funções dentro do trabalho, para garantir que seja realizado por todos e de maneira eficiente, entre outras.

No que diz respeito à escrita propriamente dita, os estudantes desenvolverão o letramento impresso, que, traduz-se na “habilidade de compreender e criar uma variedade de textos escritos” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 23), fazendo uso de conhecimentos sobre leitura, escrita, gramática e variedades do discurso que será necessário para o gênero pretendido, roteiro.

Neste, as crianças deverão já estabelecer os papéis de cada um na elaboração do vídeo, delimitando as

funções, seja na exposição oral, na gravação, na edição, na organização do espaço ou outras funções. Além de redigir o texto baseados nas informações coletadas sobre a história da cidade, texto este que deverá ter o conteúdo histórico pretendido, os aspectos da linguagem oral que serão utilizados na explanação e gravação, as etapas do vídeo e das falas, os momentos de inclusão de imagens ou elementos concretos (caso o tenham), e a finalização ou despedida. Como dito a priori, as crianças deverão fazer uso de uma série de habilidades, desde a leitura e interpretação da pesquisa realizada, como a reelaboração dos conceitos e tradução destes para a linguagem de vídeos informativos e organização do passo a passo da filmagem. Como o gênero roteiro não é muito usual, caberá ao professor mediar sua escrita e, se necessário, providenciar um modelo para ser seguido.

A atividade será mediada pelo professor e poderá ser realizada em sala de aula, para que possa ir intervindo na elaboração textual, coerência com o tema e organização das funções. Mais uma vez o conhecimento sobre a turma a que se destina a atividade é essencial, de modo que, se o professor perceber que o gênero textual “roteiro” é muito complexo para a turma e pouco conhecido, deverá acrescentar mais uma atividade anterior a

esta, onde poderá ampliar o repertório dos alunos com relação ao gênero analisando, por exemplo, bons modelos dele, levantando as características e discutindo-as oralmente. Para facilitar a proposta será disponibilizado um modelo de roteiro (anexo II) a ser seguido e caberá ao professor a explicação sobre cada uma das partes deste.

Em ambientes de alta tecnologia (A), as crianças poderão se organizar para produzir o roteiro digitalmente, em arquivos de *word*, por exemplo, podendo escrever o roteiro no modelo ofertado pelo professor (apêndice I). Em ambientes com baixa ou zero tecnologia (B) ou (0), o professor poderá disponibilizar o formulário de roteiro impresso para que os grupos se organizem para a escrita.

EXEMPLO:

Roteiro de vídeo produzido pela pesquisadora que decidiu organizar sua pesquisa em um vídeo documentário:

Produto – artefato: Documentário Campestre – MG
Tempo de duração: 20’
Data da gravação: 2021

<p>Vídeo: A pequena e simpática cidade de Campestre localizada no sul de Minas Gerais, contém atualmente 21.000 habitantes. A economia do município gira em torno da cultura do café, leite e gado. A história da cultura local inicia-se em meados dos anos de 1800, onde foram datados os primeiros imigrantes portugueses. Já em meados dos anos de 1924, inicia-se a chegada dos italianos tempos depois alguns deles se fixaram nas lavouras da localidade. Segundo a historiografia local os sírios e libaneses adentraram na região sul- mineira no século XIX e XX sendo o comércio seu principal envolvimento. Em pouco tempo de estadia, esses conseguiram grandes avanços para a cidade. Vieram também para Campestre, povos russos, alemães, espanhóis e árabes todos por volta do fim do século XIX.</p> <p>Vídeo: panorâmico da cidade.</p>	<p>CAMPESTRE - MG</p>
<p>Roteiro de gravação e edição do vídeo com ordem das imagens</p>	
<p>Cena 1: Narrador com apresentação do tema.</p> <p>Local: Imagens da zona rural (cultura do café), estradas, mapas</p> <p>Fala: Muitas cidades brasileiras nasceram, a partir de ranchos para pernoite de tropas, ou cargueiros de transporte de mercadorias produzidas nas distantes propriedades rurais, assim a história de Campestre não é diferente, os relatos passados de gerações sobre a origem da cidade mostram que a mesma, por se localizar em um ponto estratégico da fronteira do estado com São Paulo, era utilizada por bandeirantes paulistas que adentravam o estado à procura de riquezas naturais.</p> <p>Mais tarde, como caminho de muitos viajantes e peregrinos que saíram da cidade de Campanha e iam a caminho de Aparecida do Norte, a região servia como ponto de pousada e descanso, assim os primeiros ranchos foram sendo construídos.</p> <p>Os dados coletados do acervo da Biblioteca Municipal de Campestre- MG constam que o primeiro povoado se deu por descendentes portugueses (colonizador) que viviam nas localidades vizinhas por volta do ano de 1800. A localidade que originaria o território da Paróquia Nossa Senhora do Carmo do Campestre em meados do ano de 1740 era apenas um ponto de parada, já que os caminhos primitivos percorridos eram exaustivos, e a colina rodeada de água fresca e ar puro vindo das matas era um banquete convidativo para o pouso.</p>	
<p>Cena 2</p> <p>Local: Paisagem, rotas, lavouras</p> <p>Fala: Em 1767, a cidade de Campestre já aparece na Carta Geográfica que compreende o Rio das Mortes, Villa Rica e Mariana, como caminho que partia de Cabo Verde para Ouro Fino,</p>	

mostrando o movimento que o então governador fez pelo sul da capitania para afirmar o território.

A primeira pessoa a abrir uma entrada na região onde se localiza Campestre foi Veríssimo João de Carvalho, um português vindo da Freguesia de São Salvador no Arcebispado de Braga. Em 1762, o desbravador ligou as vilas de Cabo Verde a Ouro Fino por meio de rotas que facilitassem o escoamento do ouro que vinham das minas auríferas.

Um dos principais ícones do novo descoberto ocupado hoje, pelo município campestrense foi o condutor de tropas, Lucas Borges de Carvalho que nasceu na Ilha da Madeira e veio para o Brasil em 1737 e por volta de 1770, fixou-se na localidade de Nossa Senhora de Assunção do Cabo Verde, empossando-se da Fazenda Pouso Alegre, atual bairro Campos do município de Campestre.

Pouco tempo depois, em 1776 foram arrendados doze alqueires de terra pelos irmãos Manuel José Muniz e Francisco José Muniz. Devido à longevidade da

freguesia em comparação com as Paróquias vizinhas, no século XIX era de costume dos fazendeiros construir oratórios em devoção aos seus santos padroeiros. Manoel José Muniz construiu um pequeno oratório no alto do morro em devoção a Nossa Senhora do Carmo. Para concessão desses oratórios, necessitava-se de petições ao bispo. Com o passar do tempo os fiéis começaram a se reunir cada vez mais em maior quantidade para a participação dos ritos católicos, principalmente da Semana Santa que, por mais que não tivesse a presença de um sacerdote, os moradores executavam suas orações e súplicas. Porém, com o passar dos anos, foi impossível abrigar tantos fiéis que lotavam todo seu entorno. Assim, foi concedido um pedido para a construção de uma Capela Curada no ano de 1942. Ao redor da capela foram doadas para a igreja algumas glebas de terra, que contribuíram para o desenvolvimento do arraial.

Cena 3:

Local: Cemitério antigo, igrejinha N. Sra. APARECIDA (Igrejinha azul)

Fala: A inauguração da capela Nossa Senhora do Carmo aconteceu em 16 de julho de 1832, nela, foi inserida a imagem da padroeira, sendo essa mesma imagem guardada na Casa Paroquial de Campestre nos dias atuais. A capela e o cemitério localizavam-se no ponto mais alto do morro, assim as primeiras casas cresceram em seu entorno. Os sepultamentos começaram a ser feitos dentro do adro da capela até o ano de 1855 quando foram proibidos por meio de uma lei que previa construções de um novo cemitério. Segundo o acervo municipal, após nove anos de sua fundação, a localidade contava com cento e cinquenta casas, duas igrejas e uma escola alcançando o nível de distrito pela Comarca de Caldas em dia 12 de março de 1830.

Foi feito contato com a Secretária de Cultura, Isabela, que nos relatou sobre o primitivo

cemitério que se localizava na atual rua Gabriel Junqueira, praça Ana Zenun, onde ainda pode-se prestigiar suas ruínas. Em meados dos anos de 1915 o cemitério foi entregue à Câmara Municipal e, para ter o cumprimento das leis sanitárias da época e foi transferido da parte alta da cidade para a parte baixa, onde se localiza, até os dias atuais. Havia também muitos sepultamentos nas zonas rurais distantes devido à longevidade das paróquias, como é o caso da atual Capela de São José no bairro Córrego do Ouro, e Capão da Grama, localizado próximo ao bairro Pitangueiras, além do um cemitério localizado no atual bairro Posses, cemitério ativo até os dias de hoje.

Cena 4:

Local: Ponto central de Campestre (Trevos – Nome da Cidade – Igreja Matriz – Praças Avenidas -Igreja).

Fala: Com pouco tempo de funcionamento, a capela foi nomeada paróquia, graças a uma nova petição dos fiéis locais e em 1839, por meio de esforços da liderança, o Curato subiu o cargo para Distrito de Paz. Nesse período, a atual cidade já contava com 150 casas, duas igrejas e escola. Após esse acontecimento, a localidade obteve grande crescimento populacional.

O crescimento da cidade também se deu no termo rural das grandes fazendas cafeeiras da região e de seu comércio de escravos. As conquistas econômicas afloraram a vontade de toda população a buscarem mais avanços e assim se fez. No século XVII, subiu à categoria de Freguesia, recebendo o título de Paróquia em 3 de abril de 1840 e se desvincilhando de Cabo Verde, num momento em que a sociedade confundia os títulos civis com religiosidade, já eram datados, neste ano, 2.219 habitantes campestres. A primeira Paróquia do Campestre da Boa Vista teve início em 1832, feita de taipa de sebe. Após 40 anos de consolidação, a Matriz necessitava de manutenções em suas estruturas e acabamentos.

Em 1919, a Matriz encontrava-se em estado lastimável, segundo o livro de Tombos da Paróquia, pois houve a perda de estruturas e trincas, assim, devido ao seu mal estado, fez-se necessária a sua demolição e a construção de uma nova Matriz. A nova Matriz foi inaugurada em 25 de janeiro de 1942, idealizada pelo arquiteto Sr. Mário Romanelli e seu administrador Frederico Luisi em estilo neoclássico.

Em 1883, a igreja foi “reconstruída” e recebeu uma torre, entretanto, antes de a reforma se concretizar, os recursos financeiros foram se tornando escassos, então, em 1893, retoma-se uma nova reforma e a igreja ganha um relógio e vários outros objetos, entre eles, imagens de santos.

Em 1851, tem-se nota que se deu a construção de uma igreja conotada à Irmandade do Rosário, voltada para os fiéis negros e pardos, foi fundada em Campestre pelo então Frei Eugênio de Gênova, localizada no fundo do largo central.

Cena 5:

Local: Fazenda da Pedra, Pedra Grande

Fala: Depois da Inconfidência Mineira, houve um grande fluxo migratório para a região, pois o crescimento econômico gerou expansões para as regiões em direção a São Paulo, sofrendo modificações em sua fisionomia, principalmente pelas novas fazendas de policultura.

A questão política do “Café com Leite” no período da república velha demonstra a acirrada competição de interesses entre os estados paulista e mineiro, o primeiro defendia a cultura do café, e o segundo apoiava a policultura.

Nesse contexto surge a figura de importância ímpar para a evolução da localidade. O Coronel José Custódio Dias de Araújo, mais conhecido como Zeca da Pedra, nascido em 17 de julho de 1859, viveu 84 anos dedicados à política e ao café, possuidor de uma mão de ferro, conquistou muitas terras que alcançaram onze mil hectares. Seu apelido “Zeca da Pedra” foi originário devido à enorme pedra de 260 metros de altura que se localiza em sua antiga propriedade. Zeca da Pedra ingressou na política em 1890 e começou a lutar pelo desmembramento do distrito que pertencia a Caldas. Assim, tornou-se prefeito da Villa do Campestre.

Cena 6:

Local: Construção ao lado da igreja, antiga prefeitura.

Fala: Depois da proclamação da república no Brasil, as glebas de terras que antes eram partidas pela igreja, nesse momento, tornam-se por parte do Estado, fazendo com que, assim, os terrenos adquiridos pudessem ser comprados também por particulares e pelo poder público, assim como os cemitérios que, considerados como campo santo para a igreja, foram municipalizados, como atesta no antigo Livro de Tombos da Matriz do Campestre com alguns recibos de vendas importantes no entorno como a Venda da Câmara Municipal e o terreno no largo da Caixa d'Água para a construção do Grupo Escolar.

Antiga Câmara Municipal em 1910

Antigo Grupo Escolar Coronel José Custódio

Sendo assim, o então prefeito Zeca da Pedra inicia a construção de edifícios públicos como a Câmara Municipal dos Vereadores, onde também funcionava a Prefeitura Municipal, onde, até então, acontecia na casa do Sr. Raul Ambrogi (antiga residência de Manoel José Muniz). Também, foi construída uma escola que tinha como nome Grupo Escolar Coronel José Custódio. Outro feito importante foi a construção de uma rodovia que liga Poços de Caldas, Campestre e Machado, auxiliando no crescimento da localidade.

Cena 7

Local: Hospital, escolas, centro

Fala: Outros acontecimentos importantes para a localidade pós- período coronelista foram a abertura de novas travessias, o desenho e traçado dos jardins sob a indicação de Zeca da Pedra o prefeito Benedito Jorge deu ares de cidade para Campestre. E em 1945, tem-se a primeira eleição direta, na qual a família Zenun, apelidada de “Turcos”, predominou na política durante 45 anos. Nesse período, foram construídas estradas vicinais, estradas rurais, nomeação de eletricidade pública, escolas rurais, construção de matadouro, hospitais e outras realizações que ajudaram no crescimento urbano da cidade e que existem até os dias atuais.

Cena 8

Local: Imagens das festividades e costumes da cidade

Fala: O povo campestre miscigenava costumes tanto religiosos como festivos, como procissões, casamentos, festas de devoção aos santos e folia de reis. O costume mais praticado em vigor era a semana santa, em que todos tinham muito respeito pela dor e morte do Senhor. Assim, todas as atividades eram silenciosas e previam o luto. Celebravam-se também o Corpus Christi, festas juninas e natal, esses costumes permanecem até os dias atuais.

Assim, Campestre é formada de vivências, laços de família, memória, cultura e identidade de um povo com suas manifestações culturais de estilo variado que completam e enriquecem o município, como as tradicionais festas juninas, festa de N. Sra. do Carmo, Cavalhadas e Desfiles de Carros de Boi.

Cena 9

Local: Imagens da jogadora

Fala: Para encerrar o documentário, não se pode deixar de citar uma figura importantíssima na cidade, a atleta Bruna de Paula, jogadora da seleção brasileira de handebol, visto que o livro práticas corporais da educação física, foi um dos mais utilizados nesta Superintendência de Ensino.

A Educação Física é inserida na área de Linguagens, pois as práticas corporais presentes na cultura corporal de movimento se apresentam como textos culturais, permitindo produção, reprodução e interpretação. Os gestos que constituem a linguagem corporal que se constitui são responsáveis por expressar desejos, emoções e pela emissão e tradução de mensagens diversas.

Módulo 4 - gravação e edição:

Nesta etapa, o objetivo é organizar a forma de apresentação do material produzido, com gravação e edição dos vídeos. De acordo com o planejamento das crianças será marcada a data para a gravação. O local dependerá da condição social das crianças atendidas. Caso tenham a possibilidade, poderão fazer em casa. Se apenas um aluno do grupo tiver acesso à meios eletrônicos como celulares, a atividade já é passível de acontecer, caso não, poderá ser agendado um momento para realizarem a atividade na escola com recursos tecnológicos dela.

Nesta etapa o professor proporcionará o desenvolvimento do letramento multimídia, (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 27), pois, aprenderão a criar mensagens áudio visuais que se integrem com o texto escrito e ou objetos que possam ter elencado para uso, refletindo sobre como fazer com que sua comunicação seja eficiente ao ponto de atingir o maior número possível de “seguidores”, pois, estarão representando o papel de influencers digitais que garantem sua longevidade pelo número de seguidores de seus canais. Neste ínterim, a competência da argumentação se faz presente no sentido da retórica, onde as crianças farão uso de argumentos para

atingir a um determinado objetivo, que seriam os likes. A linguagem utilizada deve ser adequada ao meio de comunicação utilizado e o foco do estudo deixará de ser o professor, pois, terão que se informar bem e preparar o conteúdo, bem como o discurso, para quem vai os assistir e não como mera atividade para obtenção de resultados (notas). A proposta é que façam uso de estratégias já conhecidas por eles através dos canais multimídia que conhecem para tornar a comunicação do estudo mais próxima da realidade de outras crianças.

Caso o grupo escolar não tenha contato com vídeos deste gênero, caberá ao professor fomentar o contato favorecendo o conhecimento, reconhecimento de características próprias deste, ampliando o repertório das crianças acrescentando mais etapas à sua sequência, onde, conhecer vídeos com as características pretendidas e conversar sobre eles levantando as características mais marcantes seja o foco.

Finalizando a gravação, as crianças deverão assistir com o professor para uma avaliação em processo, listando o que pode ser melhorado ou o que precisa ser refeito. Nesta etapa, a ideia é que vivenciem o momento de edição de vídeos, podendo fazer uso de aplicativos como *iMovie*, ou *In Shot*, entre outros, o que dependerá do nível das crianças em relação aos recursos

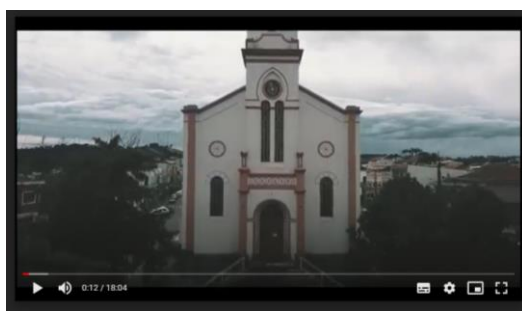
tecnológicos, pois, não é indicado oferecer mais de um já logo nas primeiras propostas, principalmente se as crianças não tiverem contato com eles. É preciso começar devagar.

Este módulo somente terá os objetivos relacionados ao desenvolvimento de tecnologias atingido se os ambientes tiverem alta ou baixa tecnologia, embora possa ser adaptado para ambientes com zero tecnologia. No caso de ambiente com alta tecnologia (A), as crianças terão livre acesso a instrumentos tecnológicos que permitam a gravação de imagem e áudio, sendo telefones celulares, tablets, câmeras fotográficas, bem como acesso a aplicativos de edição de imagens e vídeos. Caso o ambiente seja de baixa tecnologia (B), o professor poderá disponibilizar recursos tecnológicos da escola para a

gravação, agendando horários distintos para as turmas. Esta baixa tecnologia também pode acontecer no caso de alguns alunos apenas terem o acesso, de modo que, estando em grupo, terão condições de realizar a proposta. Em caso de zero tecnologia (0) a sugestão dada é para que os alunos treinem a apresentação, façam os ajustes, porém, sem o registro, para que no dia da socialização apenas representem, ou, que o professor realize a gravação com recursos particulares próprios. Nestes ambientes de zero tecnologia a edição dos vídeos fica impossibilitada, devido à alta demanda de uma sala de aula completa para apenas um aparelho, no caso, do próprio professor se houver.

EXEMPLO:

A pesquisadora produziu um vídeo documentário disponível no link: <https://drive.google.com/file/d/1mSxiffaATqB56MYJzwuHeNc4ZslmkCKM/view?usp=sharing>



Produção final - socialização e autoavaliação:

A etapa final consiste em apresentação dos vídeos aos demais colegas da sala e professor, após a finalização. Esta é a fase da socialização das produções, onde os estudantes conhecerão o trabalho dos demais grupos, visualizar suas estratégias e se autoavaliarem. Assim sendo, os objetivos desta são: socializar as produções realizadas contribuindo com a ampliação do repertório da turma sobre o tema; e, realizar autoavaliação sobre o trabalho desempenhado.

Quando estiverem assistindo aos seus vídeos e aos vídeos dos colegas deverão refletir sobre os conteúdos apresentados e a criatividade do grupo, atribuindo conceitos à sua própria atuação na elaboração da atividade como um todo. Para essa atribuição de conceitos o professor poderá fazer uso de planilhas de autoavaliação como o modelo apêndice II.

Em ambientes de alta tecnologia e baixa tecnologia a apresentação poderá ser coletiva, com o uso de um computador apenas e projetor, não necessitando que todos os alunos tenham recursos tecnológicos para uso individual ou em grupo. Em ambientes de zero tecnologia, a

socialização poderá ser feita por meio de encenação das crianças, sem a gravação ou com o uso de computador do próprio professor, mas sem projetor a qualidade ficaria comprometida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta proposta explora o contato com a história e cultura local dos estudantes, contribuindo para o sentimento de pertencimento que possibilita iniciativas de cidadania, além de propiciar o reconhecimento do espaço da cidade, os agentes transformadores deste e a cultura presente desde a época de sua formação que ainda hoje faz parte do dia a dia dos moradores.

O conteúdo abordado de forma interdisciplinar, envolvendo várias disciplinas e utilizando como estratégias e ferramentas pedagógicas diferentes recursos tecnológicos atende a várias competências gerais da BNCC e intenciona considerar o estudante contemporâneo, favorecendo o desenvolvimento de competências e habilidades de leitura, escrita e oralidade, letramentos digitais e conhecimento sobre suas identidades culturais de forma significativa, pois, parte

daquilo que é mais próximo dos estudantes.

A proposta, como dito anteriormente, tira o foco do estudo do professor ou do cumprimento de tarefas, coloca os alunos em contato com um conteúdo que poderia

até mesmo ser considerado irrelevante para a maioria, de forma extremamente interessante e instigante, haja visto a utilização de meios de comunicação que fazem parte do dia a dia destas crianças, foco de seu interesse.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Lino de. O que é (e como se faz) sequência didática?. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 1, p. 322-334, jan./jul, 2013. Disponível em: <http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/46/texto%201%20Aula%205.pdf>.

Acesso em: 16 fev. 2021.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Melo (Org.). **Ensino híbrido**: Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular: BNCC**, 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 21 Abr. 2020.

BOULOS Júnior, Alfredo. **História sociedade & cidadania, 1º ano: manual do professor**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2016.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY Nicky; PEGRUM, Mark; tradução Marcos Marcionilo. **Letramentos Digitais**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ECO, Umberto. **Da internet a Gutenberg**. In: Conferência The Italian Academy for Advanced Studies in America, 1996. Disponível em: http://matematicaprofivete.pbworks.com/w/file/attach/51076762/Da%20Internet%20a%20Gutenberg_umbertoeco.pdf. Acesso em 21 Març. 2020.

GIORDAN, M.; GUIMARÃES, Y. A. F.; MASSI, L. Uma análise das abordagens investigativas de trabalhos sobre sequências didáticas: tendências no ensino de ciências. In: **Encontro nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 8., 2011. Anais... Campinas: Unicamp, 2011.

JOMAA, Lina Youssef (Ed). **Buriti Mais: Geografia: 2º ano: manual do professor**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KUPER, Adam. **Cultura**: a visão dos antropólogos. Trad. Mirtes Prange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LINO DE ARAÚJO, Denise. O que é (e como faz) sequência didática?. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 322-334, maio 2013. ISSN 2237-6321. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/148> . Acesso em: 19 maio 2020.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? **Rev. Pátio**. Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000.

RIBEIRO, Darcy. **Os Brasileiros**: Teoria do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1991.

SOUSA, S.Z. Avaliação Escolar e Democratização: o direito de errar. In: AQUINO, J. G. (coord.) **Erro e Fracasso na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. (p.125-140)

VASCONCELOS, Lucimara Regina de Souza (Ed). **Buriti Mais: História: 2º ano: manual do professor**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2017.

Trabalho História da Arte: Minha cidade tem história

Categorias ENSINO FUNDAMENTAL (6º A 9º ANO)

Data 27/10/2020

MINHA CIDADE TEM HISTÓRIA

Professoras Fabíola Iszlaji de Albuquerque e Adriana Pistori

Você consegue imaginar como era a cidade de São Paulo no século XVIII? Sabe como viviam os habitantes da maior cidade do país e uma das maiores do mundo nesse período? Pois é, esse foi o desafio dado às alunas e alunos do 8º ano do Colégio Santa Maria.

A proposta visou oferecer uma oportunidade para que, como pesquisadores, os estudantes pudessem se vincular à história da cidade e articulá-la com a história do Brasil no período. Ainda colônia, o Brasil vivia o século do ouro. A região mineradora era vizinha da cidade e as duas histórias se entrelaçam, já que foram os bandeirantes paulistas os descobridores do ouro no final do século XVII.

Por meio de fontes históricas primárias e secundárias, a história da cidade no século XVIII foi recuperada, além do patrimônio histórico-cultural que sobrevive até os dias de hoje. Como resultado da pesquisa, os estudantes produziram vídeos nos contando essa história e como há vestígios ainda presentes na cidade. Aldeias indígenas, bairros, nomes de ruas e avenidas, monumentos e muitos outros elementos que nos ligam a um passado de mais de 300 anos.

Para conhecer ainda melhor as cidades históricas mineiras no século XVIII e como São Paulo se distinguia e muito da região mineradora, foram feitas visitas virtuais ao Museu do Diamante em Diamantina e ao Museu da Inconfidência em Ouro Preto no atual estado de Minas Gerais. Já quando falamos de Arte em Minas Gerais, logo pensamos em Antônio Francisco Lisboa, que todos conhecemos por Aleijadinho. Os museus também contam com obras do famoso artista.

O grande Mestre esteve rodeado pela arte desde a infância, devido ao trabalho de seu pai até os últimos dias de sua vida. Nunca deixou de expressar suas ideias e sentimentos através de seus trabalhos; mesmo imbuído de dor e de dificuldades. Sua genialidade é estampada nas Igrejas, levantadas na época do Ciclo do Ouro e sua obra apreciada até hoje. Seu trabalho é característico de um Barroco tipicamente regional, com toques de Rococó, o que resultaram numa surpreendente coleção sacra.

Como proposta interdisciplinar entre Artes e História, foram realizadas uma série de ações em torno do artista Aleijadinho, como: apreciação de um filme sobre sua vida e obra, contextualizado ao momento histórico e social vivido pelo artista, apreciação de

obras, discussão das características dessas obras e criação de um trabalho, associando as esculturas dos “Profetas de Aleijadinho” com a história do próprio profeta. Essas produções poderiam ser feitas das mais diferentes técnicas: composição digital, escultura, vídeo, foto, desenho, pintura, jogos entre outras.

ANEXO II – Ficha de Avaliação do Produto



ANEXO I: FICHA DE AVALIAÇÃO DE PRODUTO TÉCNICO/TECNOLOGICO

IES: Universidade Vale do Rio Verde- UNINCOR
 Discente: Marizaura de Fátima Pinto
 Título da Dissertação/Tese: O TRABALHO COM A CULTURA E A HISTÓRIA LOCAL NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA
 Título do Produto Técnico/Tecnológico UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE HISTÓRIA E CULTURA LOCAL DESENVOLVIDA A PARTIR DE UMA PESQUISA REALIZADA EM CAMPESTRE MG.
 Orientador: Prof. Dr. Jocyare Cristina Pereira de Souza
 Coorientador (se houver): _____

FICHA DE VALIDAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL (PTT)

Critério 1- Ter URL própria _____

DIMENSÕES AVALIADAS	CRITÉRIOS DO QUALIS EDU	NOTAS POSSÍVEIS	NOTA MÁXIMA	NOTA FINAL DO PTT
Complexidade - compreende-se como uma propriedade do PE relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação do Produto Educacional. *Mais de um item pode ser marcado. Registro: O produto possui registro para acesso público?	() O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação ou tese. () A metodologia apresenta clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE. () Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e teórico-metodológicos empregados na respectiva dissertação ou tese. () Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE.	DESENVOLVIMENTO 1: baixa complexidade (apenas 1 item marcado pela banca de defesa); 2 pontos: média complexidade (apenas 2 itens marcados pela banca de defesa); 3 pontos: alta complexidade (3 ou mais itens marcados pela banca de defesa)	3	7 _____
	() sim () não	VALIDAÇÃO 0 pontos: não validado; 1 ponto: validado por comitê ad hoc; 2 pontos: validado por órgão de fomento; 4 pontos: validado por banca de dissertação/tese;	0, 1, 2 ou 4	
	REGISTRO 0 pontos: sem registro; 2 pontos: com registro em sistema de informações em âmbito nacional ou internacional. Exemplos: Creative Commons, ISBN,	0 ou 2	2	2 _____

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE
 Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000
 Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333
 Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500
 Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288
 Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089



		ISSN, ANCINE, Registro de software, Registro de Domínio, Certificado de Registro Autoral, Registro ou Averbação na Biblioteca Nacional, registros de patentes e marcas submetidos ao INPI, outros.			
Impacto – considera-se a forma como o PE foi utilizado e/ou aplicado nos sistemas educacionais, culturais, de saúde ou CT&I. É importante destacar se a demanda foi espontânea ou contratada.	() Protótipo/Piloto não utilizado no sistema relacionado à prática profissional do discente. () Protótipo/Piloto com aplicação no sistema Educacional no Sistema relacionado à prática profissional do discente.	UTILIZAÇÃO/APLICAÇÃO NO SISTEMA (educação/ saúde/cultura/ CT&I) 0 pontos: quando não utilizado (protótipo, por exemplo); 3 pontos: com aplicação no sistema local, municipal, estadual, nacional ou internacional.	0 ou 3	3	3 _____
Aplicabilidade – relaciona-se ao potencial de facilidade de acesso e compartilhamento que o PTT possui, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas.	() PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa. () PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o doutorado. () PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição.	APLICABILIDADE 1 ponto: aplicável; 3 pontos: aplicável e aplicado; 5 pontos: aplicável, aplicado e replicável	1, 3 ou 5	5	3 _____
Acesso – relaciona-se à forma de acesso do PTT.	() PE sem acesso. () PE com acesso via rede fechada. () PE com acesso público e gratuito. () PE com acesso público e gratuito pela página do Programa. () PE com acesso por Repositório institucional - nacional ou	ACESSO 0 pontos: sem acesso; 1 ponto: acesso via rede fechada; 3 pontos: acesso por Portal nacional ou internacional, Youtube, Vimeo e outros com acesso público e gratuito; 4 pontos: acesso pela página do programa com acesso público e gratuito; 6 pontos: acesso em repositório institucional,	0, 1, 3, 4 ou 6	6	4 _____

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE
 Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000
 Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333
 Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500
 Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288
 Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089

<p>Aderência – compreende-se como a origem do PTT apresenta origens nas atividades oriundas das linhas e projetos de pesquisas do PPG em avaliação.</p>	<p>internacional - com acesso público e gratuito</p> <p>() Sem clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado.</p> <p>() Com clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado.</p>	<p>nacional ou internacional, com acesso público e gratuito (ex. Educapes)</p> <p>ADERÊNCIA</p> <p>0 pontos = sem aderência às linhas e projetos de pesquisa do programa stricto sensu; 2 pontos = com aderência às linhas e projetos de pesquisa do programa stricto sensu</p>	0 ou 2	2	2
<p>Inovação – considera-se que o PTT é/foi criado a partir de algo novo ou da reflexão e modificação de algo já existente revisitado de forma inovadora e original.</p>	<p>() PE de alto teor inovador</p> <p>() desenvolvimento com base em conhecimento inédito).</p> <p>() PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos).</p> <p>() PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento(s) existente(s)).</p>	<p>INOVAÇÃO</p> <p>1 ponto: baixo teor inovador; 3 pontos: médio teor inovador; 5 pontos: alto teor inovador</p>	1, 3 ou 5	5	3

Pontuação total do PTT (0-30 pontos) 24

Extratos e tabela de conversão			
Edu1	200	27 – 30	Avaliação de PTT – Edu <u>2</u>
Edu2	120	23 – 26	
Edu3	80	15 – 22	
Edu4	40	5 – 14	
Edu5	10	1 – 4	
EduNC	---	---	

Breve relato sobre a abrangência e/ou a replicabilidade do PE)

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE

Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000
 Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333
 Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500
 Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288
 Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089

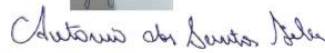
Assinatura dos membros da banca:

Presidente da banca: Professora Dra Jocyare Cristina Pereira de Souza



Membros internos: Prof. Dr. Antônio dos Santos Silva

Prof. Dr. Dirceu Antônio Cordeiro Júnior



Membros externos: Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva

Prof. Dr. Fabio Braziér



Data da defesa: 17/09/2021

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE

Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000
 Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333
 Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500
 Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288
 Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089

ANEXO III – Ficha de Validação do Produto



FICHA DE VALIDAÇÃO DE PRODUTO EDUCACIONAL

IDENTIFICAÇÃO DO PTT

Dados básicos

Nome do(a) Mestrando(a): Marizaura de Fátima Pinto
Título do Produto Técnico/Tecnológico (PTT): UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE HISTÓRIA E CULTURA LOCAL DESENVOLVIDA A PARTIR DE UMA PESQUISA REALIZADA EM CAMPESTRE MG.
Título da Dissertação: O TRABALHO COM A CULTURA E A HISTÓRIA LOCAL NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA
Data da banca: 17/09/2021
Possui autorização do Comitê de ética (CEP)? (x) Sim () Não

Público destinado

- (x) Professores da educação básica
() Estudantes do ensino fundamental
() Estudantes do ensino médio
() Gestores escolares
() Gestores municipais de educação

Tipo de produto educacional

- (x) Sequência didática
() Material didático
() Vídeos
() Páginas na internet
() Jogos pedagógicos digitais
() Processos de gestão escolar
() Processos de gestão de pessoas nas escolas
() Projetos de gestão para a escola e/ou para escola/comunidade
() Outros - Descrever:

Possui URL?

(x) Sim () Não

Se sim, qual:

Vincula-se à temática da dissertação?

(x) Sim () Não

Vincula-se ao projeto de pesquisa e à linha de pesquisa?

(x) Sim () Não

Elementos constitutivos do PTT

- a. Possui sumário? (x) Sim () Não
b. Possui orientações ao professor? (x) Sim () Não
c. Possui orientações ao estudante? () Sim (x) Não

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE

Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000
Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333
Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500
Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288
Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089


- d. Possui objetivos/finalidades claros? (X) Sim () Não
 e. Possui metodologia específica do PTT? (X) Sim () Não
 f. Possui referências? (X) Sim () Não
 g. Possui layout adequado à solução do problema da dissertação? (X) Sim () Não
 h. Possui ilustrações adequadas? (X) Sim () Não

Aplicação do PTT

- a. Foi aplicado? (X) Sim () Não
 Se sim, onde? IF Sul de Minas - Muzambinho
 b. Pode ser aplicado em outros contextos de ensino? (X) Sim () Não
 c. O produto foi aplicado em que condição?
Semana Cultural

- d. A aplicação do produto envolveu:
 () Alunos do ensino fundamental
 () Alunos do ensino médio
 (X) Professores do ensino básico
 (X) Professores do ensino superior
 (...) Diretores de escola
 (...) Coordenadores pedagógicos
 (...) Outros membros da comunidade escolar
 (...) Gestão escolar municipal

MEMBROS DA BANCA

Presidente: Prof. Dra. Jocysare Cristina Pereira de Souza (UninCor) 
 Membro 01: Prof. Dr. Antônio dos Santos Silva CPF - 582974566-68 (UninCor)
 Membro 02: Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva CPF - 582974566-68 (Uesb)



O produto educacional foi considerado:

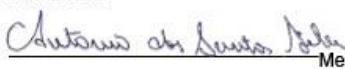
- (X) Aprovado
 () Aprovado com modificações
 () Reprovado

Nota atribuída pela banca ao PTT*: 24
 Classificação do PTT no Qualis Edu 2

*Atribuição da nota, vide ficha em anexo neste mesmo documento

Três Corações, 17 de Setembro de 2021


 Presidente 
Membro da banca externo


 Membro da banca interno

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE

Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000
 Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-8333
 Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500
 Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288
 Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089

APÊNDICE I - Modelo de roteiro de produção de vídeo

PARTICIPANTES DO GRUPO:	
DATA:	
PROFESSOR(A):	DISCIPLINA
TÍTULO DO VÍDEO:	
PARA QUE VAMOS GRAVAR? Considerar a realidade inventada, os papéis que desempenharão e o tipo de discurso utilizado (serão <i>youtubers</i>).	
PARA QUEM VAMOS GRAVAR? Quem serão os possíveis seguidores? A quem se destinará o vídeo produzido? Este tipo de reflexão ajudará no tipo de linguagem a ser utilizada.	
ONDE SERÁ DIVULGADO? Pensar sobre em qual meio circulará este vídeo, tanto fictício quanto real (no <i>You Tube</i> , na escola, etc.) .	
CONTEÚDO ABORDADO: Vamos produzir vídeos com que tipo de informações? - Escrita do texto que fundamentará o vídeo, com a parte do conteúdo sobre a história da cidade a ser contado (falaremos do nome? Do ato de ocupação? Da história como é contada? Etc. seja qual for o tema, deverá ser totalmente descrito e explicado neste espaço.).	
FUNÇÕES: quais as funções de cada um do grupo no vídeo (quais aparecerão na gravação e com qual objetivo; quem organizará o ambiente de filmagem, quem será o cinegrafista, entre outras funções)	
DEFINIÇÃO DO CENÁRIO: Como será o cenário (ao ar livre? Onde especificamente? Numa sala? O que terá na cena (mesa, cadeiras, fundo, cartazes, lousa com alguma informação, objetos etc.)	
CENAS: Uma breve descrição das cenas e do que acontecerá entre elas incluindo as falas dos atores, narrações e outros sons que vão aparecer além de imagens, fotos, cartazes e objetos que tenham selecionado. Nesta etapa, deverão descrever passo a passo como será narrado o conteúdo já escolhido e explícito acima, já com os recursos linguísticos utilizados como as expressões comumente utilizadas por <i>influencers digitais</i> , falas, gestos, entre outros recursos próprios dos vídeos de <i>youtubers</i> .	

APÊNDICE II – Planilhas de autoavaliação

NOME		DATA	
PROFESSOR		ESCOLA	
CONCEITOS	ÓTIMO	BOM	PRECISO MELHORAR NA PRÓXIMA VEZ
Colaborei com os colegas integrantes do grupo na execução das etapas			
Contribuí com ideias ou auxiliei na pesquisa e levantamento de objetos necessários			
Soube ouvir meus colegas respeitando seus pontos de vista			
Produzimos o roteiro com os itens que colaborariam para com a gravação do vídeo			
O vídeo transmitiu informações completas e fidedignas sobre a história de minha cidade			
Fomos criativos na elaboração do enredo			
Fizemos uso da linguagem específica do gênero adotado (conseguiríamos likes?)			
A edição do vídeo (se houver) foi adequada, mantendo a linearidade e favorecendo a interpretação dos telespectadores?			
Como avalio a produção final do trabalho?			

APÊNDICE III- Síntese da Sequência didática

História e cultura local: uma sequência didática para professores da Educação Básica	
Tema	História/cultura local através da história de formação das cidades
Faixa etária	Ensino Fundamental anos iniciais
<p>Oportunizar aos estudantes da Educação Básica que conheçam e reflitam sobre a história de sua cidade, como começou sua formação, quem foram os agentes que deram início ao local que hoje conhecem e qual cultura trouxeram consigo e que ainda hoje faz parte do dia-a-dia dos personagens que ali residem, em verdade, estar-se-á dando suportes para que as crianças e adolescentes tornem-se cidadãos críticos, autônomos, comprometidos com o processo histórico através da identidade, memória, patrimônio cultural, representação e cidadania, contribuindo para que sejam capazes de atuar nesta sociedade e modificá-la.</p> <p>Em se tratando de crianças e adolescentes contemporâneos, além da necessidade de exprimir o sentido de se abordar os conteúdos, é preciso refletir sobre as estratégias utilizadas, afim de atingi-los e tornar o ensino mais lúdico e interessante, acompanhando o processo evolutivo e as necessidades destes alunos do século XXI.</p> <p>Desta forma, considerando este público atual como nativos digitais, salvo os questionamentos sobre a falsa homogeneidade desta afirmação trazida por Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), o uso de tecnologias digitais de pesquisa e produção de conteúdo nesta abordagem, corroborará com a cultura digital tão valorizada atualmente e tornará desenvolvimento dos conteúdos de história, geografia e cultura algo mais dinâmico.</p>	
Letramentos	Letramento em pesquisa, letramento em informação e letramento multimídia
Competências da BNCC	Comunicação; Cultura Digital e Repertório Cultural
Objetivo Geral	Adquirir conhecimento sobre a história da cidade em que reside considerando o local e tempo de sua formação, artefatos culturais materiais e imateriais, relação com o nome dado ao município e mudanças que possam ter ocorrido nesta nomeação, possibilitando o sentimento de pertencimento ao local.
Tempo	Total: uns 30 dias no mínimo
Suporte técnico	Modelo para elaboração de roteiro escrito e autoavaliação (impresso) Processador de texto: <i>Microsoft word</i> Sites de pesquisa: <i>google, yahoo</i> etc. Gravação de vídeo e edição: (equipamento como celular, câmera ou tablete) <i>Movie Maker; In Shot.</i>
LINGUAGEM	
Funções	Narrativa
Competências	Ler (interpretar e sintetizar informações), escrever (produzir textos), falar
RECURSOS SEPARADOS POR ETAPAS	
ETAPA 1 - DIAGNÓSTICO	Versão alta tecnologia: Equipamento: um computador para cada aluno ou dupla, com acesso à internet e um projetor para o

	<p>professor com acesso à internet</p> <p>Versão baixa tecnologia: Equipamento: um computador e um projetor para o professor, com ou sem acesso à internet.</p> <p>Versão zero tecnologia: texto notícia impresso. Vídeo transmitido pela TV da escola ou computador pessoal do professor.</p>
MÓDULO 1 - PESQUISAS	<p>Versão alta tecnologia: Equipamento: um computador ou celular para cada aluno, com acesso à internet (em casa ou na escola).</p> <p>Versão baixa tecnologia: Equipamento: um computador ou celular para pelo menos um aluno do grupo, ou um computador para pesquisa na escola.</p> <p>Versão zero tecnologia: textos impressos e livros, levados pelo professor ou pesquisados na biblioteca da escola ou instituições da cidade.</p>
MÓDULO 2 – AMPLIANDO A PESQUISA	<p>Versão alta tecnologia: Equipamento: um computador ou celular para cada aluno, com acesso à internet (em casa ou na escola).</p> <p>Versão baixa tecnologia: Equipamento: um computador ou celular para pelo menos um aluno do grupo, ou um computador para pesquisa na escola.</p> <p>Versão zero tecnologia: textos impressos e livros, levados pelo professor ou pesquisados na biblioteca da escola ou instituições da cidade por meio de pesquisas de campo.</p>
MÓDULO 3 – ESCRITA DE ROTEIRO	<p>Versão alta tecnologia: Equipamento: um computador para cada aluno, com acesso à internet (em casa ou na escola).</p> <p>Versão baixa tecnologia: Equipamento: um computador para pelo menos um aluno do grupo, ou um computador para pesquisa na escola.</p> <p>Versão zero tecnologia: modelo de roteiro impresso trazido pelo professor com a escrita feita à mão com lápis ou caneta.</p>
MÓDULO 4 – GRAVAÇÃO DO VÍDEO E EDIÇÃO	<p>Versão alta tecnologia: Equipamento: um computador, tablete, celular ou câmera filmadora para cada grupo (em casa ou na escola)</p> <p>Versão baixa tecnologia: Equipamento: um computador, tablete, celular ou câmera filmadora da escola para ser usado por todos com horário pré-agendado.</p> <p>Versão zero tecnologia: não haveria edição de vídeo, mas os alunos poderiam representar, ensaiar como se estivessem gravando para no dia apresentarem ao vivo.</p>
MÓDULO 5 – PRODUÇÃO FINAL: SOCIALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO	<p>Versão alta tecnologia: Equipamento: um computador para cada aluno ou dupla com acesso à internet e um projeto para o professor</p> <p>Versão baixa tecnologia: Equipamento: um computador, da escola com um projetor, para ser usado coletivamente.</p> <p>Versão zero tecnologia: não haveria apresentação do vídeo, mas os alunos poderiam representar, apresentando ao vivo.</p>
DESENVOLVIMENTO	
1. Diagnóstico:	

Objetivo específico:

- Realizar levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos referente ao gênero utilizado e tema abordado.

O levantamento de conhecimentos acerca do tema tratado e dos recursos tecnológicos utilizados poderá acontecer em uma roda de conversa para discutir, por exemplo, o texto do Colégio Santa Maria, em São Paulo, escrito pelas professoras Fabíola Iszlaji de Albuquerque e Adriana Pistori, *Minha cidade tem história*, disponível no endereço eletrônico: <https://colsantamaria.com.br/trabalho-historia-da-arte-minha-cidade-tem-historia/> e no anexo 1 deste guia, além de dois vídeos produzidos pelos estudantes disponíveis neste mesmo endereço eletrônico ou diretamente no *youtube* pelos links: <https://www.youtube.com/watch?v=oyZzy3FGlc0> e <https://www.youtube.com/watch?v=0LWjwNXP9xY>. Esta estratégia toma como base a escolha do gênero midiático de vídeos informativos. Caso o professor eleja outro gênero para os vídeos produzidos, o encaminhamento deverá fazer uso de textos e vídeos que tratam do gênero eleito para o trabalho. O importante é levantar o que os estudantes sabem sobre o gênero escolhido e sobre o tema que norteará a pesquisa para sua elaboração.

Assim, o professor, fará a leitura dialogada da matéria e conversará com as crianças sobre o tema, o que seria esta história da cidade que os estudantes contam nos vídeos, se eles conhecem a história de suas cidades. Se sim, ouvir o que já sabem sobre ela, onde poderiam encontrar informações sobre essa história, se conhecem o canal *YouTube*, se já assistiram a algum vídeo que traz também histórias sobre cidades. Depois, passando os vídeos citados no texto, devem conversar sobre os conhecimentos que os alunos tiveram que adquirir para conseguir gravar os vídeos, quais informações eles trouxeram, quais recursos utilizaram, como é a fala, como são os gestos, se algum aluno já gravou vídeos, como é gravar e quais equipamentos usar, se já editaram vídeos ou viram alguém editando etc. Esta roda de conversa dará um norte para o professor, que saberá o nível de contato das crianças com os vídeos, o contato com ferramentas tecnológicas de gravação e edição, o que sabem sobre a cidade deles próprios e onde poderiam buscar informações, além de motivá-los a fazer o mesmo que os alunos, gravar vídeos sobre a história de suas cidades, sem publicar, explicando as leis que protegem de exposição as crianças e adolescentes, mas que possa ser utilizado dentro do espaço escolar por eles e outras crianças de outras salas de aula.

2. Módulo 1 – pesquisa:

Objetivos específicos:

- Realizar pesquisa sobre a história de sua cidade;
- Selecionar textos que contem a história de sua cidade;
- Compilar informações sobre a história da cidade registradas em diferentes fontes;
- Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar

informações relevantes sobre a história de sua cidade;

- Identificar elementos relacionados à história da cidade (patrimônios históricos e culturais, sociais e políticas) para organização do acervo de sua pesquisa;
- Identificar os registros de memória da cidade, discutindo os critérios que explicam a escolha de seu nome;

Para atingir ao objetivo proposto pelo tema, as crianças deverão realizar pesquisas sobre a história de suas cidades. O objetivo desta etapa é realizar pesquisa para selecionar textos que contem a história da cidade. Para isso, será sugerida a pesquisa em meios digitais, porém, corroborando com a afirmação de Umberto Eco de que “livros continuarão indispensáveis não só para a literatura, mas em qualquer circunstância onde se precisa ler cuidadosamente, não apenas receber informação, mas também especular e refletir. Ler uma tela não é o mesmo que ler um livro” (1996, p. 4), as crianças poderão fazer uso de livros de pesquisadores locais sobre o tema, documentos que possam estar armazenados na sede do patrimônio cultural da Prefeitura, entre outros meios, desde que consigam levantar as informações sobre a formação de sua cidade, quando ocorreu, quem foram os responsáveis, como iniciou-se o processo de sua formação, contemplando assim, conseqüentemente, informações acerca da cultura presente naquele momento através de relatos e imagens. Elas deverão ser orientadas a buscar textos oficiais que tratam da história de suas cidades, para buscar nestes textos e em sua leitura indícios que possibilitem uma ampliação das pesquisas, trazendo outras histórias que ali não foram contadas.

Este tipo de busca envolverá o letramento em pesquisa e o letramento em informação. O primeiro, diz respeito à capacidade de fazer uso de estratégias apropriadas de busca para localizar o que deseja, sua “funcionalidade plena, bem como suas limitações” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 38). Este letramento está relacionado ao meio tecnológico, entretanto, em se tratando de pesquisas, mesmo que sejam pesquisas em materiais impressos ou em organizações como uma Prefeitura, as crianças precisam saber se organizar para elaborar as perguntas que as encaminharão para as respostas desejadas, ou seja, ao realizar pesquisas em um livro, saber o que procurar é fundamental, do mesmo modo que, a busca por documentos em instituições deve ser orientada pelas palavras-chave mais apropriadas. Desta forma, o letramento em pesquisa, muito além de estratégias e recursos digitais para qualificar a pesquisa em ambientes virtuais, como uso de operadores booleanos “AND” – usado para localizar informações sobre dois temas distintos-, “OR” – usado entre sinônimos de componentes de busca, recuperando informações de um ou outro tema - ou “NOT” – utilizado para excluir um determinado assunto da busca - , pressupõe a melhor utilização de palavras, de sinônimos que representem o objeto a ser pesquisado, o que pode ser levado para outros ambientes, não apenas virtuais.

Além disso, o professor poderá intermediar as pesquisas, orientando as crianças a perceberem que, no caso da internet, os mecanismos de busca possuem limitações e inclinações para “o comercial, o popular, o recente e, cada vez mais, para o pessoalmente relevante” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 37) podendo não atender às necessidades da busca desejada.

O letramento em informação que será também possibilitado nesta etapa, significa, segundo os autores Dudeney, Hockly e Pegrum, a “habilidade de avaliar documentos e artefatos fazendo perguntas críticas, avaliando a credibilidade, comparando fontes e rastreando as origens da informação” (2016, p. 40). Ao adentrar nas pesquisas, as crianças deverão refletir sobre as informações coletadas, com a mediação do professor analisar quais sites, no caso de pesquisas on-line, são confiáveis e porque o são, e quais não são e como fazer para identificar estas questões. É importante fazer com que elas percebam a importância de recorrerem a fontes oficiais, pois, elas podem, por exemplo, utilizar informações da Wikipédia, um site com informações no estilo de enciclopédia alimentado pelos próprios usuários. Atualmente, segundo os autores Gile (2005) apud Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), pelo número de usuários, expressões muito buscadas dificilmente contém erros e podem até ser confiáveis, mas as crianças precisam refletir que, senso alimentado pelos usuários, podemos encontrar fraudes, e como nos precaver? Esta é uma questão que será abordada em aula e, para tanto, após a coleta das informações, as crianças deverão socializar, em grupo, os instrumentos que utilizaram para a pesquisa e quais as fontes, realizando assim uma roda de conversa direcionada sobre o tema, com exposição dialogada resultando ou não em novas pesquisas caso seja necessária a comprovação das informações. Caso as crianças tenham utilizado meios impressos, os mesmos deverão ser socializados com a explicação sobre onde e como conseguiram o material, colaborando assim para a ampliação das estratégias de busca possíveis e mais uma vez desenvolvendo o letramento em informação, pois as fontes escritas podem também ser inconfiáveis e é preciso refletir sobre quais dados oferecem a credibilidade da fonte. Percebam que ao longo do desenvolvimento desta etapa a avaliação processual está presente. Caberá ao professor observar os resultados apresentados pelos estudantes, orientando-os e fazendo-os refletir em tempo real, sem a necessidade de aguardar a finalização de todo o trabalho para esta averiguação, de modo que esta ação contribua para seu desenvolvimento.

Num ambiente de alta tecnologia (A), as crianças poderão fazer as pesquisas cada uma em um computador na sala de informática, sendo mediados pelo professor, ou em casa, como tarefa. Caso os alunos não tenham este recurso ou a escola não disponha de sala de informática, num ambiente de baixa tecnologia (B), as pesquisas poderão acontecer na biblioteca da escola no turno ou no contraturno. As crianças poderão se unir e fazer a pesquisa com colegas que tenham o acesso, em grupo, ou o professor poderá disponibilizar um computador apenas para a pesquisa, organizando o ambiente da sala de aula baseado nas metodologias de modelo de rotação do ensino híbrido, rotação por estações, defendido por Bacich, Neto e Trevisani (2015), onde na sala de aula o professor cria ambientes separados em que os alunos desempenham papéis distintos de acordo com estes ambientes denominados estações. As estações são organizadas pelo professor, com propostas e metodologias distintas em cada uma podendo ter o mesmo tema, no caso a pesquisa, ou não. Entretanto, obrigatoriamente, uma delas deve ter um recurso tecnológico para atividade on-line. As crianças percorrem todas as propostas de acordo com o tempo estipulado pelo professor.

Esta proposta, pode acontecer em ambientes zero tecnologia (0), porém, neste caso, as crianças não terão a possibilidade de exercer a habilidade de pesquisa na internet, logo, o trabalho com a análise de sites confiáveis deixará de existir, bem como a habilidade de escolher as melhores palavras para se localizar o que buscam. Nestes casos, a sugestão é que, o professor leve para a sala de aula impressos de sites distintos, de materiais e livros e deixe à

disposição para que pesquisem. Ao final, poderá intervir, numa roda de conversas, sobre quais informes disponibilizados podem ser considerados mais críveis e por quê. O trabalho com as palavras a serem utilizadas pode acontecer de maneira informal, por meio de conversas e mediações do professor, mas as crianças não visualizarão os problemas ou facilidades que estas escolhas podem acarretar.

3. Módulo 2 – Ampliando a pesquisa:

Objetivos específicos:

- Realizar pesquisa sobre a história da cidade e seus elementos culturais em meios distintos dos utilizados no módulo 1;
- Compilar e sintetizar as informações sobre a história da cidade registradas em diferentes fontes;
- Confeção de mapa mental que sintetize os resultados obtidos sobre os povos e culturas presentes desde a formação da cidade.

Após a leitura e socialização das pesquisas, o professor, numa roda de conversas, levantará a questão: Que povos e culturas estão presentes nestes textos lidos? Quais palavras ou expressões remetem a povos e culturas que estiveram presentes desde o início de formação da cidade? Coletivamente, o professor pode construir com seus alunos mapas mentais, trazendo palavras e expressões e relacionando-as à povos e suas tradições. É fundamental reler o texto e ouvir cada um dos estudantes sobre palavras que acreditam lembrar algum povo ou cultura para juntos irem construindo esta rede de sentidos sobre o assunto.

Com o mapa mental construído, os alunos são convidados a buscar outros textos que contem a história da cidade e podem complementar estes sentidos sobre povos e culturas que estiveram presentes. Além de outros textos escritos, os estudantes são convidados a buscar em elementos culturais da cidade informações que comprovem o que os textos trouxeram de informações, seja na arquitetura da cidade, lugares, monumentos, museus, historiadores etc. Esta busca terá como norte o mapa mental elaborado e poderá ser registrada com fotos, filmagens e ou registros escritos, pois, cada uma das informações novas coletadas, poderá fazer parte da produção da etapa seguinte, elaboração do vídeo que conte as histórias descobertas.

Como na etapa anterior, a avaliação ocorre durante todo o processo, orientando os alunos nas buscas e em como realizá-las. Ao final, cada grupo deverá apresentar suas pesquisas complementares aos demais colegas, expondo aquilo que conseguiram desvendar sobre os povos e culturas que compõem suas cidades.

4. Módulo 3 – escrita de roteiro:

Objetivo específico:

- Organizar as informações sobre a cultura e história da cidade;

- Produzir roteiro de vídeo escrito contendo as informações sobre a cidade organizadas até o momento.

Após o levantamento dos dados e revisão do professor, os alunos deverão se organizar para elaborar o roteiro do vídeo. Esta etapa fará com que eles se apropriem das informações coletadas para que possam pensar em como transmiti-las através de recursos multimídias. Os estudantes deverão mobilizar uma série de competências, como a de ler e interpretar informações, elaborar textos com o objetivo de roteiro a ser seguido, organizar funções dentro do trabalho, para garantir que seja realizado por todos e de maneira eficiente, entre outras.

No que diz respeito à escrita propriamente dita, os estudantes desenvolverão o letramento impresso, que, traduz-se na “habilidade de compreender e criar uma variedade de textos escritos” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 23), fazendo uso de conhecimentos sobre leitura, escrita, gramática e variedades do discurso que será necessário para o gênero pretendido, roteiro.

Neste, as crianças deverão já estabelecer os papéis de cada um na elaboração do vídeo, delimitando as funções, seja na exposição oral, na gravação, na edição, na organização do espaço ou outras funções. Além de redigir o texto baseados nas informações coletadas sobre a história da cidade, texto este que deverá ter o conteúdo histórico pretendido, os aspectos da linguagem oral que serão utilizados na explanação e gravação, as etapas do vídeo e das falas, os momentos de inclusão de imagens ou elementos concretos (caso o tenham), e a finalização ou despedida. Como dito a priori, as crianças deverão fazer uso de uma série de habilidades, desde a leitura e interpretação da pesquisa realizada, como a reelaboração dos conceitos e tradução destes para a linguagem de vídeos informativos e organização do passo a passo da filmagem. Como o gênero roteiro não é muito usual, caberá ao professor mediar sua escrita e, se necessário, providenciar um modelo para ser seguido.

A atividade será mediada pelo professor e poderá ser realizada em sala de aula, para que possa ir intervindo na elaboração textual, coerência com o tema e organização das funções. Mais uma vez o conhecimento sobre a turma a que se destina a atividade é essencial, de modo que, se o professor perceber que o gênero textual “roteiro” é muito complexo para a turma e pouco conhecido, deverá acrescentar mais uma atividade anterior a esta, onde poderá ampliar o repertório dos alunos com relação ao gênero analisando, por exemplo, bons modelos dele, levantando as características e discutindo-as oralmente. Para facilitar a proposta será disponibilizado um modelo de roteiro (apêndice I) a ser seguido e caberá ao professor a explicação sobre cada uma das partes deste.

Em ambientes de alta tecnologia (A), as crianças poderão se organizar para produzir o roteiro digitalmente, em arquivos de *word*, por exemplo, podendo escrever o roteiro no modelo ofertado pelo professor (apêndice I). Em ambientes com baixa ou zero tecnologia (B) ou (0), o professor poderá disponibilizar o formulário de roteiro impresso para que os grupos se organizem para a escrita.

5. Módulo 4 – gravação e edição de vídeo:

Objetivos específicos:

- Organizar a forma de apresentação dos resultados da pesquisa;
- Produzir a gravação de vídeo contendo as informações obtidas na pesquisa;
- Editar vídeos para apresentação;

De acordo com o planejamento das crianças será marcada a data para a gravação. O local dependerá da condição social das crianças atendidas. Caso tenham a possibilidade, poderão fazer em casa. Se apenas um aluno do grupo tiver acesso à meios eletrônicos como celulares, a atividade já é passível de acontecer, caso não, poderá ser agendado um momento para realizarem a atividade na escola com recursos tecnológicos dela.

Nesta etapa o professor proporcionará o desenvolvimento do letramento multimídia, (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 27), pois, aprenderão a criar mensagens áudio visuais que se integrem com o texto escrito e ou objetos que possam ter elencado para uso, refletindo sobre como fazer com que sua comunicação seja eficiente ao ponto de atingir o maior número possível de “seguidores”, pois, estarão representando o papel de influencers digitais que garantem sua longevidade pelo número de seguidores de seus canais. Neste ínterim, a competência da argumentação se faz presente no sentido da retórica, onde as crianças farão uso de argumentos para atingir a um determinado objetivo, que seriam os likes. A linguagem utilizada deve ser adequada ao meio de comunicação utilizado e o foco do estudo deixará de ser o professor, pois, terão que se informar bem e preparar o conteúdo, bem como o discurso, para quem vai os assistir e não como mera atividade para obtenção de resultados (notas). A proposta é que façam uso de estratégias já conhecidas por eles através dos canais multimídia que conhecem para tornar a comunicação do estudo mais próxima da realidade de outras crianças.

Caso o grupo escolar não tenha contato com vídeos deste gênero, caberá ao professor fomentar o contato favorecendo o conhecimento, reconhecimento de características próprias deste, ampliando o repertório das crianças acrescentando mais etapas à sua sequência, onde, conhecer vídeos com as características pretendidas e conversar sobre eles levantando as características mais marcantes seja o foco.

Finalizando a gravação, as crianças deverão assistir com o professor para uma avaliação em processo, listando o que pode ser melhorado ou o que precisa ser feito. Nesta etapa, a ideia é que vivenciem o momento de edição de vídeos, podendo fazer uso de aplicativos como *Movie Maker* ou *In Shot*, entre outros, o que dependerá do nível das crianças em relação aos recursos tecnológicos, pois, não é indicado oferecer mais de um já logo nas primeiras propostas, principalmente se as crianças não tiverem contato com eles. É preciso começar devagar.

Este módulo somente terá os objetivos relacionados ao desenvolvimento de tecnologias atingido se os ambientes tiverem alta ou baixa tecnologia, embora possa ser adaptado para ambientes com zero tecnologia. No caso de ambiente com alta tecnologia (A), as crianças terão livre acesso a instrumentos tecnológicos que permitam a gravação de imagem e áudio, sendo telefones celulares, tablets, câmeras fotográficas, bem como acesso a aplicativos de edição de imagens e vídeos. Caso o ambiente seja de baixa tecnologia (B), o professor poderá disponibilizar recursos tecnológicos da escola para a gravação, agendando

horários distintos para as turmas. Esta baixa tecnologia também pode acontecer no caso de alguns alunos apenas terem o acesso, de modo que, estando em grupo, terão condições de realizar a proposta. Em caso de zero tecnologia (0) a sugestão dada é para que os alunos treinem a apresentação, façam os ajustes, porém, sem o registro, para que no dia da socialização apenas representem, ou, que o professor realize a gravação com recursos particulares próprios. Nestes ambientes de zero tecnologia a edição dos vídeos fica impossibilitada, devido à alta demanda de uma sala de aula completa para apenas um aparelho, no caso, do próprio professor se houver.

6. Produção final: socialização e autoavaliação:

Objetivo específico:

- Socializar as produções com foco em autoavaliação e ampliação do repertório e conhecimentos.

A etapa final consiste em apresentação dos vídeos aos demais colegas da sala e professor, após a finalização. Esta é a fase da socialização das produções, onde os estudantes conhecerão o trabalho dos demais grupos, visualizar suas estratégias e se autoavaliarem. Assim sendo, os objetivos desta são: socializar as produções realizadas contribuindo com a ampliação do repertório da turma sobre o tema; e, realizar autoavaliação sobre o trabalho desempenhado.

Quando estiverem assistindo aos seus vídeos e aos vídeos dos colegas deverão refletir sobre os conteúdos apresentados e a criatividade do grupo, atribuindo conceitos à sua própria atuação na elaboração da atividade como um todo. Para essa atribuição de conceitos o professor poderá fazer uso de planilhas de autoavaliação como o modelo apêndice II.

Em ambientes de alta tecnologia e baixa tecnologia a apresentação poderá ser coletiva, com o uso de um computador apenas e projetor, não necessitando que todos os alunos tenham recursos tecnológicos para uso individual ou em grupo. Em ambientes de zero tecnologia, a socialização poderá ser feita por meio de encenação das crianças, sem a gravação ou com o uso de computador do próprio professor, mas sem projetor a qualidade ficaria comprometida.